



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE SÃO BERNARDO -MA
COORDENAÇÃO DE LINGUAGENS E CÓDIGOS/ LÍNGUA PORTUGUESA

KARINA DA COSTA ARAÚJO

**IMAGEM E REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: UMA
ANÁLISE DA OBRA *O CABELO DE LELÊ* (2007), DE VALÉRIA BELÉM**

São Bernardo-MA

2022

KARINA DA COSTA ARAÚJO

**IMAGEM E REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: UMA
ANÁLISE DA OBRA *O CABELO DE LELÊ* (2007), DE VALÉRIA BELÉM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão-*Campus* de São Bernardo, como requisito obrigatório para obtenção do diploma de licenciado.

Orientador(a): Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas

São Bernardo-MA

2022

KARINA DA COSTA ARAÚJO

**IMAGEM E REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: UMA
ANÁLISE DA OBRA *O CABELO DE LELÊ* (2007), DE VALÉRIA BELÉM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Linguagens e
Códigos/Língua Portuguesa, da Universidade Federal do
Maranhão-*Campus* de São Bernardo, como requisito
obrigatório para obtenção do diploma de licenciado.

Orientadora: Prof. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas (IFAP)
Presidente

Prof. Me. Francisco Renato Lima (UEMA/UNICAMP)
Examinador 1

Profa. Ma. Cleanne Nayara Galiza Colaço (UEMA)
Examinadora 2

Dedico esta monografia aos meus familiares e amigos, os quais me ajudaram e me incentivaram para a conclusão desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de conseguir chegar até aqui e alcançar mais uma conquista em minha vida.

Agradeço à minha mãe Bernadete da Costa, a meu pai Antônio Walter de Araujo e meus irmãos Vagner da Costa Araujo, Francisca Maria da Costa Araujo, Sabrina Costa Araujo, Caroline da Costa Araujo, Francisco das Chagas da Costa Araujo, por sempre estarem comigo me incentivando desde o início desse grande sonho, pois sem esse apoio não tinha conseguido subir mais esse degrau.

Agradeço às minhas amigas Ana Maria Alves da Silva e Naiara Amorim Pereira, minhas companheiras não só da universidade, mas também da vida, pois sempre estavam me incentivando nos momentos em que pensava que não iria conseguir.

Agradeço ao meu namorado Francisco das Chagas da Costa Rodrigues, por está comigo desde o início dessa caminhada, e nunca soltar minha mão nos momentos difíceis.

Agradeço aos meus amigos que de muitas formas me ajudaram seja com palavras de apoio ou com algo referente aos conteúdos ministrados pelos professores.

Agradeço aos meus colegas de turma por tantos momentos de compartilhamentos e aprendizado, levarei comigo para sempre.

Agradeço à minha orientadora, Francisca Marciely Alves Dantas, por ter aceitado me orientar nesse trabalho, por me acalmar nos momentos em que não estava sendo fácil compreender determinado assunto. Sou grata pelo empenho, paciência e contribuição no desenvolvimento de todo o trabalho.

“A educação é a mais poderosa arma, pela qual se pode mudar o mundo”
(Nelson Mandela).

RESUMO

A presente pesquisa objetiva analisar a obra *O cabelo de Lelê* (2007), da referida autora, com o intuito de visualizar, a partir da relação texto imagético e texto verbal, a representação da personagem negra infantil na referida narrativa. Desse modo, temos os seguintes objetivos específicos: a) discutir sobre a Literatura Infantil e Juvenil sinalizando sua origem e particularidades; b) tratar a respeito das ilustrações nos livros infantis, levando em consideração a sua importância para o imaginário do pequeno leitor; c) analisar a recorrência de personagens infantis negras na literatura infantil e juvenil. Desse modo, a análise da pesquisa é constituída por texto imagético e texto verbal retirados da obra *O cabelo de Lelê* (2007), da referida autora e analisados por meio do crivo interpretativo e literário e fundamentados a partir da pesquisa bibliográfica. Assim, como aporte teórico buscamos os seguintes autores: Coelho (1981), Zilberman (2005), Ramos (2020), Santaella (2012), Silva (2020), Gouveia (2005), entre outros. Os resultados obtidos mostram que a representatividade de crianças negras nas obras infantis literárias é de grande relevância para a formação identitária dos pequenos leitores, visto que contribui não só para o processo de aquisição da leitura, mas também para o reconhecimento cultural e identitário de como se aceitar, e saber lidar com as diferenças do outro.

Palavras-chave: Imagem. Representatividade. Criança negra. Valéria Belém.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the work *O Cabelo de Lelê* (2007), by the aforementioned author, in order to visualize, from the relation between imagery text and verbal text, the representation of the black child character in that narrative. Thus, we have the following specific objectives: a) discuss about Children's and Youth Literature, signaling its origin and particularities; b) deal with illustrations in children's books, taking into account their importance for the imagination of the little reader; c) analyze the recurrence of black children's characters in children's and youth literature. Thus, the analysis of the research consists of imagery and verbal text taken from the work *O Cabelo de Lelê* (2007), by the aforementioned author and analyzed through an interpretative and literary sieve and based on bibliographic research. Thus, as a theoretical contribution, we sought the following authors: Coelho (1981), Zilberman (2005), Ramos (2020), Santaella (2012), Silva (2020), Gouveia (2005), among others. The results obtained show that the representation of black children in children's literary works is of great importance for the identity formation of young readers, since it contributes not only to the process of reading acquisition, but also to the cultural and identity recognition of how to accept, and knowing deals with the differences of the other.

Keywords: Image. Representativeness. Black child. Valéria Belém.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – capa do livro <i>O cabelo de Lelê</i>	36
Figura 2- Lelê não gosta do que vê.....	38
Figura 3- Lelê com suas duas mãos na cabeça joga seu cabelo para lá e pra cá.....	39
Figura 4- Lelê vive se perguntando de onde vem tantos cachinhos.....	40
Figura 5- Lelê pensando em encontrar resposta em um livro.....	41
Figura 6- Lelê sentada e abraçada com um livro.....	42
Figura 7- Lelê lendo o livro sobre a cultura de países africanos.....	42
Figura 8- Lelê andando de bicicleta com seus cabelos soltos ao vento.....	44
Figura 9- Lelê com penteados diferentes.....	45
Figura 10 - Lelê se aceita como realmente é.....	46
Figura 11- Lelê descobre que seus cabelos são herança de seus ancestrais.....	47
Figura 12- Lelê aparece com outras meninas de outras culturas de pele diferente da sua.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.A IMAGEM NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	13
1.1 Literatura infantil e juvenil: origem, aspectos e características	13
1.2 O Texto imagético nas narrativas literárias infantis	21
1.3 A imagem da criança negra nas narrativas literárias infantis e juvenis.....	29
2.ANÁLISE DA OBRA <i>O CABELO DE LELÊ</i> (2007), DE VALERIA BELÉM: RELAÇÃO ENTRE TEXTO, IMAGEM E REPRESENTATIVIDADE	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

As ilustrações presentes nos livros infantis são ricas de significados para o aprendizado da criança, pois o texto imagético é visto com muita relevância para a constituição de sentidos na modalidade verbal. A partir do momento em que a criança tem contato com o texto imagético, essas vão enriquecendo sua visão de mundo, abrindo novas ideias e caminhos, construindo nova fase, assim, ela coloca em prática criatividade, refletindo o próprio desenvolvimento de linguagem. Todos esses aspectos são fundamentais para a construção humana.

É nessa perspectiva que o texto imagético, junto ao texto verbal, mexe com o imaginário da criança, fazendo com que ela se torne um ser reflexivo e criativo. Por outro lado é importante ressaltar que essas narrativas infantis vêm mudando ao longo do tempo. A partir do século XX através das imagens posta aos textos literários os negros começaram a se fazer presente nos enredos das narrativas, não de protagonistas, mas exercendo papéis secundários, que não exaltsse a cultura a qual pertencem. O texto imagético fala muito dentro de uma narrativa contribuindo para uma boa compreensão do texto verbal. Nesse sentido, o texto imagético têm autonomia e aguçam o imaginário da criança fazendo com que ela atribua vários sentidos ao texto imagético colocado no decorrer da narrativa. Isso é de extrema importância para o desenvolvimento do pequeno leitor e para despertar sua visão crítica, além de ampliar seu conhecimento em relação aos textos literários.

Sendo assim, a problemática que impulsionou esta pesquisa centraliza em torno da seguinte questão: como a personagem infantil negra é representada na obra *O cabelo de Lelé*, de Valeria Belém (2007) ilustrado por Adriana Mendonça? é importante ressaltar que o texto imagético e o texto verbal juntos possibilitam as crianças terem diversas formas de leituras, e terem representatividade através dos personagens inseridos nos enredos.

Partindo dessa ideia, temos como objetivo geral analisar a obra *O cabelo de Lelé* (2007), da referida autora, com o intuito de visualizar, a partir da relação texto imagético e texto verbal, a representação da personagem negra infantil na referida narrativa. Temos ainda como objetivos específicos: a) apresentar fundamentação teórica sobre a Literatura Infantil e Juvenil sinalizando sua origem e particularidades; b) discutir a respeito das ilustrações nos livros infantis, levando em consideração a sua importância para o imaginário do pequeno leitor e c) analisar a recorrência de personagens infantis negras na literatura infantil e juvenil.

Como embasamento teórico temos os principais autores: Cadermatori (2010) que discute sobre Literatura infantil focando na origem e características; Camelo (2015) que retrata sobre a ilustração no texto literário infantil e juvenil, e as principais funções da imagem do conceito a estrutura; Castilho (2004) aborda a representação do negro na literatura brasileira; Coelho (1981) enfatiza a respeito da Literatura infantil; Gouvêia (2005) argumenta sobre a imagem do negro na Literatura Infantil Brasileira; Pozzobon (2010) discute a respeito da imagem que se faz dona da palavra; Ramos (2020) descreve sobre a imagem nos livros infantis; Santaella (2012) discute a respeito das imagens nos livros ilustrados, enfatizando a relação entre as linguagens visual e verbal; Silva (2020) enfatiza sobre ler imagens, um aprendizado a ilustração de livros infantis; Zilberman (2005) discute sobre como e por que ler a literatura infantil brasileira, dentre outros autores.

Nesse sentido, este trabalho está organizado em dois capítulos o primeiro apresenta o conceito de Literatura infantil e juvenil, sua origem, aspectos e características; o segundo apresenta a análise da obra *O cabelo de Lelê* (2007), de Valeria Belém, Relação entre texto, imagem e representatividade. A referida pesquisa foi feita através de estudo bibliográfico, visto que foi “[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revista, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses [...]”(PRODANOV; FREITAS,2013, p.54). Dessa forma, a pesquisa aqui proposta baseia-se em discussões teóricas de autores especializados sobre os temas propostos.

Esse trabalho se justifica pelo fato de mostrar o quanto as ilustrações contribuem para o aprendizado do leitor, podendo despertar nele várias formas de leitura e interpretação, e ao mesmo tempo leva-o a se identificarem com personagens que transmitem sentidos para a sua transformação pessoal. Essa representação dentro da literatura infantil é de grande importância para a formação da própria personalidade da criança, que por muito tempo não tiveram incluídos em papéis de positividade nas narrativas literárias, e através da frequência de texto imagético junto ao texto verbal ficou mais fácil haver essa representatividade de diversas culturas.

1.A IMAGEM NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Nos textos literários infantis e juvenis o texto imagético está presente no processo interpretativo da criança, sendo um complemento indispensável e facilitador de compreensão, pois quando o enredo é composto por apenas palavras as crianças perdem o interesse em adentrar mais adiante na história. As crianças valorizam o texto imagético presentes nas páginas, para assim, poderem entender de forma mais coerente o que o texto está se referindo. O texto imagético torna mais cativante para o leitor, despertando o prazer pela leitura. E principalmente quando o texto vem acompanhado de personagens que servem como referências para as crianças, ou seja, quando retratam sobre sua cultura. Essa representatividade nos textos literários tem facilitado para as crianças compreender sobre suas culturas e diversas outras. A relação entre as duas linguagens, verbal e visual, tem sido crucial para as crianças negras se verem em outros personagens nas obras literárias, mesmo que seja um pouco fragmentada. Mas foi através das imagens nos textos infantis que as crianças negras começaram a invadir as páginas das obras como protagonistas nos enredos. atualmente é possível perceber crianças negras com mais frequência compondo os papéis principais nas histórias literárias, como *A menina do laço de fita* de Ana Maria Machado (1986), *O menino Marrom* (1986), escrito e ilustrado por Ziraldo, *Meu crespo é de rainha* (2018) da autora Bell hooks ilustrado por Ellen Pestilini. Entre outros autores que estão inserindo mais os negros nas narrativas de forma positiva como principais personagens.

1.1 Literatura infantil e juvenil: origem, aspectos e características

A literatura infantil e juvenil surgiu na Idade Média, por volta do século XIX, sendo transmitida, inicialmente, de geração a geração por meio da oralidade e não havia distinção de faixa etária, pois as crianças eram vistas como miniadultas. Conforme os estudos de Zilberman (2005, p. 16) as “aventuras como as de João e Maria, da Bela adormecida, da Cinderela, de Chapeuzinho Vermelho eram contadas por e para adultos [...]”. Sendo assim, eram contadas sem distinção de público-alvo e tinham um forte teor pedagógico, pois os adultos utilizavam esses contos para ensinar as crianças sobre os valores e princípios daquela época.

Esses contos chegam à família Perrault através da oralidade, ou seja, através dos contadores de história que mantinham a vida doméstica como criados. Segundo Cadermatori (2010, p. 40), “o burguês Perrault despreza o povo e as superstições populares e, como homem culto, as ironiza”. Assim, pode-se perceber que alguns dos seus contos se caracterizam pelo sarcasmo relacionado ao popular, ou ao mesmo tempo uma reocupação de produzir uma arte que seja moralizante e que envolva uma literatura voltada para o pedagógico.

Vale ressaltar que a cultura se manteve viva nas memórias das pessoas até nos tempos atuais, isso ocorre por conta de transmissões dos povos mais velhos, que sempre estavam passando para as gerações mais novas. Chicovski (2010, p. 22-23), diz que “os contadores de histórias eram que conservavam e transmitiam o enredo e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade”

No entanto, muitas dessas histórias que eram transmitidas eram moralistas, não apropriadas para as idades das crianças e carregavam traços muito fortes. Segundo Chicovski (2010, p.9), confirma que “essas histórias apresentam conteúdos moralistas, com intuito de passar valores. Ideias como: beleza e riqueza andam sempre juntas; feiura associada à maldade (assim como a cor preta) ”. Desse modo, essas histórias eram voltadas para o preconceito, a qual deixavam as crianças confusas diante dessa idealização que os contos traziam.

Sendo assim, os contos de fadas foram criados pelos adultos contavam seus próprios sentimentos, fantasias e crenças entre outros fatos faziam com que a criança adaptava sua mentalidade facilmente. De acordo com os estudos de Chicovski (2010, p.30), os contos se “caracterizam-se pela presença de seres, objetos e lugares sobrenaturais: bruxas, fadas, dragões, varinha de condão e reinos enfeitados que existem fora da lógica real do tempo”. Desse modo, as narrativas não apresentavam esses aspectos, e nem eram de fácil compreensão para as crianças essencial era apresentar vários personagens com diferentes colocações e motivações que fossem simples de se compreender.

No início, a literatura infantil se alimentava de obras que eram destinadas a outras finalidades, com outros objetivos, sem preocupação com o pedagógico e o didático. Segundo Zilberman (2005, p. 18), “no começo, a literatura infantil se alimentava de obras destinadas a outros fins: aos leitores adultos, gerando as adaptações; aos ouvintes das narrativas transmitidas oralmente, que se convertem nos contos para criança; ou ao público de outros países”. Desse modo, essas traduções vieram dos escritores brasileiros que tinham

preocupação com a educação das crianças, em moralizar, dentre outros pontos que iriam contribuir para os saberes das crianças.

A partir do momento de mudança da burguesia, a criança passou a ser considerada um ser diferenciado do adulto. Conforme Cadermatori (2010, p. 43), “a criança da época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”. Desse modo, Perrault coletava os contos populares e adaptava tornando-os viáveis ao público infantil, fazendo da criança um ser diferenciado do adulto, possibilitando-a acesso à educação. Esses contos ajudariam as crianças a criar soluções para encarar os problemas, e ao mesmo tempo se identificarem com os personagens que liam as narrativas, e aprender a lidar com suas dificuldades.

Segundo Chicoski (2010, p.35), “a força dos contos transmitidos, tanto pela escrita ou pela oralidade tem o poder de fascinar, no encantamento faz com que o impossível, torne-se possível”. Desse modo, as crianças crescem sabendo que nada é impossível, pois os personagens passam por situações difíceis, mas sempre conseguem vencer no final.

Dessa maneira, a literatura infantil e juvenil nasce a partir das transformações sociais, apesar de já existir alguns manuscritos pedagógicos destinados às crianças, os quais foram escritos pelos protestantes, com fins religiosos. Assim, foi de uma literatura voltada mais para o didático, que as crianças obtiveram contos adaptados para sua idade. Segundo Cadermatori(2010,p. 41), “no século XVII, o francês Charles Perrault coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados de já contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil”. Desse modo, é notório que foi através das suas próprias adaptações de contos folclóricos e lendas, que eram destinadas aos adultos, que Charles Perrault tornou-se um marco para a literatura infantil.

Charles Perrault é visto como um grande adaptador de contos. Segundo Cadermatori (2010,p. 40), “a coleção dos textos de Perrault constitui-se em um dos mais célebres da literatura francesa e, também um dos textos mais referidos e menos comentados pela crítica literária” . Desse modo, Charles Perrault foi um escritor de contos de fadas e se tornou o mais aclamado do gênero em seus contos.

Devido à sua grande participação nos textos infantis ficou conhecido como iniciador da literatura infantil, a qual gerou os contos que eram voltados mais para o pedagógico. Segundo Cadermatori (2010, p.40), ele “vinculou-se a pontos básicos da questão da natureza do gênero como, por exemplo, a preocupação com o didático e a relação com o popular. Assim, pode-se perceber esses aspectos no livro publicado em 1967, conhecido como *Contos de Mãe Gansa*, no qual reunia diversas histórias, e entre elas podemos citar os contos *Bela*

adormecida; Cinderela; O barba Azul, no entanto são contos que não se separam da oralidade e nem da versão culta, passam a interagir com o popular, ou seja, sem dissociação entre ambos.

No Brasil, ainda no século XIX, a literatura infantil teve outro grande autor de contos para educar as crianças. A figura de Figueiredo Pimentel teve uma forte repercussão, com suas publicações referente à infância brasileira. Segundo Zilberman (2005, p.17), “[...] Figueiredo Pimentel (1869-1914) era brasileiro e militava na imprensa. Quando decidiu dedicar-se à literatura infantil, preferiu seguir o caminho sugerido pelos irmãos Grimm”. Em seus contos notam-se as histórias de fadas europeias, as quais eram narrativas portuguesas contadas pelas escravas, responsáveis por educar a infância brasileira.

Ainda no mesmo período em que acontecia a inauguração das linhas editoriais de textos para as crianças, que eram referentes aos trabalhos dos pioneiros, como Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen, editavam-se os primeiros livros didáticos. Segundo Zilberman (2005, p.18), “chamavam-se, muitos deles, seletas, antologias ou livros de leitura, eram adotados pelos professores, que os recomendavam aos alunos ou reproduziam em voz alta, trechos deles para todo o grupo”. Assim, nem todas essas obras faziam parte das leituras das crianças em sala de aula, pois muitas eram adequadas para pessoas mais adultas, não eram aptas para as crianças.

Os candidatos a escritores brasileiros sentiram a necessidade de uma literatura que fosse apropriada para educar e transmitir princípios morais para as crianças, seguindo os modelos europeus para criarem a versão brasileira. Um dos grandes pioneiros foi Carl Jansen que percebeu que no Brasil existia uma lacuna de livros didáticos apropriados para as crianças. Segundo Zilberman (2005, p.17), Carl Jansen “tratou de produzir alguns clássicos, como os já lembrados *Robinson Crusóe (1885)* e *Viagens de Gulliver (1888)*, a que somou, por exemplo, *as Aventuras do Celeberrimo Barão de Munchhausen (1891)* e *D. Quixote de la Mancha (1886)*”. Portanto, são obras que foram traduzidas para a Língua Portuguesa com objetivo de facilitar a compreensão para as crianças e educá-las.

Monteiro Lobato foi um dos principais autores da literatura infantil e teve um papel muito importante para que se difundisse a prática de leitura no Brasil. Ele criou o universo para as crianças enriquecendo aspectos indispensáveis para a literatura infantil brasileira. Segundo Costa (2009, p.143), “a literatura brasileira está marcada pelo registro de peculiaridade locais. Mas a principal marca da literatura infantil é a obra de Monteiro Lobato, dividindo-a em antes e depois do autor”. Portanto, o autor tornou-se uma grande marca pelo simples fato de trazer em suas produções a reflexão de uma realidade nacional.

Monteiro Lobato mostrou-se, desde cedo, um grande precursor para a literatura brasileira, ligando literatura com as questões sociais, e rompendo pelas raízes as convenções estereotipadas. Segundo Zilberman (2005, p.23), faz a seguinte afirmativa: “Lobato escreveu o primeiro livro voltado ao público infantil, *A menina do Narizinho Arrebitado*, em 1921[...]”. Desse modo, foi através dessa obra que ele começou a vê a criança e mostrar para o Brasil que a mesma deveria ser vista através de suas ideias que antes não era vista, pois não se existia uma literatura que mostrasse culturas e valores. Percebe-se que, a maiorias das obras de Monteiro Lobato são destinadas às crianças e os principais personagens que o criou trouxeram a representatividade da criança. A este respeito Zilberman (2005, p.23), diz que “os principais agentes são crianças, como Pedrinho e Narizinho, ou mimetizaram o comportamento delas, como os bonecos Emília e Visconde de Sabugosa; portanto, o universo das personagens aproxima-se do mundo do leitor e permite identificação imediata”. Sendo assim, o intuito de Lobato era que as crianças ao visualizarem suas criações tivessem como referência para sua vida, inserindo-as desde cedo no mundo da linguagem, cultura e até mesmo que possam se identificar, aproximando do seu mundo real.

Nas criações de Lobato pode-se ver que ao criar suas produções pensa no que pode contribuir para o aprendizado do leitor, abrangendo e modificando as concepções que o leitor carrega em si através de suas criações. Na visão de Cadermatori (2010, p.54), Lobato “estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. A apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural[...]”. Sendo assim, ao lerem obras desse autor poderiam ampliar sua visão, interpretando sua própria realidade de acordo com os personagens que fazem parte nas narrativas literárias das obras de Lobato.

A estrutura dos conteúdos dos livros de Lobato facilitava a aprendizagem das crianças, pelo simples fato de ter conteúdos tradicionais que, além de aprenderem, ao mesmo tempo se divertem, ou seja, as obras faziam com que as crianças viajassem por lugares que talvez jamais pudessem viajar na realidade. Conforme Cadermatori (2010, p.48), “o sentido da obra de Lobato se torna mais evidente quando sua produção literária é contraposta às características da vida cultural brasileira até determinado momento de vida”. Assim, a partir do momento que Lobato traz em suas narrativas o papel do negro a sua produção passa a ser vista de forma mais crítica pelos leitores.

Portanto, nota-se nas produções de Monteiro Lobato um universo que se aproxima do seu mundo, permitindo uma certa identificação. Para Cadermatori (2010, p.53), Monteiro Lobato acabou “rompendo com os padrões prefixados do gênero, seus livros infantis criam

um mundo que não se constitui em reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos da situação histórica em que é produzida”. Sendo assim, Monteiro Lobato rompe com os preconceitos que mantinham sobre a cultura popular e as crianças, através de suas criações ficcionais expressa um mundo que não tem distinção entre o real e o maravilhoso.

O autor escreve a narrativa literária fazendo um recorte do mundo real, sintetizando-os e interpretando-o à sua maneira. Assim, Cadermatori (2010, p.23), explica que a obra literária “manifesta através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpreta-lo”. Desse modo, o leitor irá fazer sua interpretação levando em consideração seu mundo cultural a qual pertence, pois em cada obra percebe-se uma experiência do que já foi vivenciado pelo leitor.

A literatura tem o poder de transformar o leitor através da consciência cultural de valores, possibilitando a ele o desenvolvimento e a realização de forma mais integrada em sociedade. Segundo Coelho (1981, p.3), “é ela, dentre as diferentes manifestações da arte, a que atua de maneira mais aprofundada e duradoura, no sentido de dar forma e de divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização”. Desse modo, a literatura atua de forma que reproduz não apenas o que a criança percebe ao seu redor, mas cria outros sentidos, e que articulam significados próprios, interagindo com as diversas manifestações, seja ela estética, artística e comunicativas do seu mundo.

Os livros de literatura infantil e juvenil se caracterizam justamente por ser uma leitura fácil de interpretar, ou seja, sendo uma linguagem mais adequada a faixa etária da criança, voltada mais para o lado lúdico e didático. De acordo com os estudos de Cadermatori (2010, p. 34), a “seleção deve iniciar pela apreciação do projeto gráfico, tendo em vista sua adequação e seu potencial de apelo à criança, características presentes apenas nos livros de concepção criativa”. Sendo assim, são pontos que fazem com que um livro literário se torne um grande contribuidor para a leitura diversificada da criança, facilitando para que a mesma enriqueça e construa sua personalidade.

Nesse mesmo sentido, quando se pensa em uma leitura apropriada para as crianças logo se pensa em livros que sejam adequados a idade da mesma. Na perspectiva de Meireles (2001, p.29), “os livros adequados devem apresentar fatos ao alcance da criança, e dos quais decorram conseqüências ou ensinamentos que o adulto julga interessante para ela”. Sendo assim, os livros infantis literários influenciam na vida da criança, enfatizando ensinamentos, ajudando a criança a encontrar respostas para inúmeras indagações.

Nos livros de literatura infantil é de suma importância que tragam elementos que tornem a leitura cativante para a criança, que despertem o gosto não apenas coisas do seu cotidiano, mas livros com imagens a qual tem esse poder de despertar o olhar da criança, mesmo analfabetas, se tornam leitoras de imagens. Para Coelho (1981, p.12), os “livros representem elementos de seu mundo familiar e livros que falem do maravilhoso devem se completar no interesse da criança, que nesta fase, é ainda ‘ouvinte e leitora’ de imagens” . Sendo assim, os livros literários que fazem com que a criança mais atraída são aqueles que representam sobre seu mundo de convívio, que não foge da sua realidade, livros esses que representam sua identidade, e apresentam linguagem simples e imagens que acompanham as narrativas.

Como pode-se perceber nos contos empregam-se sempre os personagens como heróicos para que a criança se atraia pelo maravilhoso. Na visão de Coelho (1981, p. 14), “os livros adequados a esta fase são os que realçam a ação de heróis ou heroínas (ou personagens bem humanas) que se entregam à luta por um ideal humanitário” . Em vista disso, as crianças esperam sempre encontrar nos livros infantis situações voltadas para a realidade delas, ou seja, para sua vivência.

Os contos de fadas propiciam ao leitor o desenvolvimento cognitivo por meio de processo de representação e construção simbólica. Por isso, é importante que toda criança desde o início de sua vida tenha contato com essas fantasias presentes nos textos verbal, pois o mesmo tem o papel de estimular o imagético das crianças, ajudando no seu desempenho de leitura. Bettelheim (2002, p.145), explica que “os contos de fada oferecem a criança a esperança de que algum dia o reino vai ser dela. Como a criança não pode fazer por menos, mas não acredita poder conseguir este reino por conta própria, o conto de fadas diz-lhes que virão forças mágicas sem sua vida”. Desse modo, os contos empregam-se em mostrar para a criança que é possível passar por problemas e resolvê-los, depositam nas crianças a esperança para acreditarem que tudo é possível, quando suas forças estiverem falhando, ou seja, os contos infantis possibilitam às crianças desenvolverem seus sentimentos, emoções, e ensina a lidar com as frustrações do mundo real.

Os livros infantis literários têm muito ao que oferecer ao leitor, além de só texto escritos, pois ao se pensar em leitura para crianças, pensa-se em obras apropriadas. Na concepção de Coelho (1981, p. 120), “os livros mais adequados a essa fase devem ainda apresentar muitas imagens, cujo significado pode ser sugerido ou completo com textos curtos e elucidativos”. Sendo assim, não só os textos verbais têm essa capacidade de mexer com o

intelecto da criança, mas as ilustrações que acompanham o texto, podendo assim, facilitar para aquelas que ainda estão no processo de alfabetização.

A literatura infantil favorece a construção de personalidade do ser humano, despertando o imaginário, e enriquecendo o pensamento criativo e imagético, fazendo com que ele se questione e encontre as respostas no decorrer de suas vivências que está ligada ao desenvolvimento intelectual, cognitivo e emocional das crianças. Sendo assim, a mesma vem ampliando a evolução do indivíduo no modo interpretativo, compreensivo, imaginativo, crítico questionador e criador, lhes propondo percursos facilitadores no mundo em que os rodeiam. Coelho (1981, p. 6) afirma que:

Daí a importância da literatura infantil, nestes tempos de crise cultural: cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, leva-os de maneira lúdica, facilita perceberem e a interrogarem a si mesmo e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de autoafirmação ou de segurança, ao lhes propor objetivos, ideias ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social.

Diante dessa visão, percebe-se o quanto a literatura é uma ferramenta fundamental no crescimento, tanto artístico quanto pessoal, visto que a mesma proporciona redescobrimto de novos caminhos.

A literatura infantil possibilita a criança de ler e ouvir histórias podendo se colocar no lugar dos personagens, assumindo diferentes papéis nos enredos a partir do momento em que tem esse contato com o livro infantil. Segundo Abravamovich (1997, p. 16), “[...] como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de redescobertas e de compreensão de mundo”. Portanto, quando a criança desde cedo inicia este contato com as histórias, no decorrer de sua caminhada, a mesma irá redescobrir a importância que tem em ser um leitor, ela propicia à criança o desenvolvimento de sua função simbólica, facilita a linguagem e até mesmo a expressão corporal, em busca de representação nos enredos e imitação dos personagens. Para Coelho (1981, p.22), “ela é a linguagem da representação, linguagem imagística que, como nenhuma outra, tem o poder de concretizar o abstrato e, também, o indizível, através de comparações, imagens, símbolos, alegorias”. Dessa forma, a criança vê seu reflexo no que os personagens vêm representando, contribuindo para o aprendizado.

A literatura infantil proporciona diversas emoções de leitura na criança, é por meio dela que estabelece essa relação de harmonia entre a fantasia e a realidade, tendo mais facilidade de compreender as coisas do mundo adulto. Segundo Coelho (1981, p.33), “através

do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vai agir em seu inconsciente ou pré-consciente e, ali atuando, ajudam-nas a, pouco e pouco, resolverem seus conflitos interiores normais”. Desse modo, é através das sensações que a literatura infantil causa no pequeno leitor que o simbolismo se faz presente nas narrativas, possibilitando que a criança ao ler, amenizam seus problemas, através do que está sendo lido nas histórias.

1.2 O Texto imagético nas narrativas literárias infantis

As imagens nas narrativas literárias começaram a aparecer a partir da metade do século XIX. Devido a essa necessidade da linguagem visual, então os autores possibilitaram o aparecimento de livros ilustrados para as crianças no Brasil, pois a imagem passou a ser fundamental no processo interpretativo do leitor. Segundo Santaella (2012, p.101), “as relações entre a imagem e a linguagem verbal escrita começaram a invadir cada vez mais o nosso cotidiano por meio de jornais, revistas, publicidade impressa e de rua”. Nesse sentido, a ilustração tem seus efeitos estéticos de forma a proporcionar capacidade imaginária à criança, e somada ao texto escrito têm facilitado o processo educativo do leitor, gerando questionamentos, mesmo que naquela época já existisse a presença dos texto imagéticos nas narrativas literárias, porém, não era voltada para o aprendizado das crianças, visto que era apenas para enfeitar as páginas dos livros infantis, sem significado algum.

Atualmente, os livros de literatura infantil carregam muitos texto imagético para dialogar juntamente com o texto verbal, exercendo a função de atrair o público infantil, visto que os autores se deram conta que os textos imagéticos seriam uma grande chave para a alfabetização das crianças. Conforme os estudos de Camelo (2015, p. 102), “as ilustrações são componentes fundamentais de um livro infantil. Durante muito tempo foi considerada um auxiliar visual didático, uma espécie de bengala para o texto verbal”. Sendo assim, o texto imagético junto ao texto verbal não serve apenas para enfeitar, mas desenvolver no leitor o interesse de adentrar na narrativa do livro, ou seja, os leitores gostam de serem fisgados pelos textos imagéticos que os livros infantis trazem.

Os textos imagéticos se caracterizam como componentes de suma importância, de traduzir e apresentar o que o texto verbal quer dizer, formando um leitor visual crítico. E é nesse contexto que surgem as ilustrações, as quais são de grande relevância para a tarefa de narrar o texto de forma mais prazerosa e cativante para os leitores. Cada vez mais as ilustrações vêm se tornando uma grande auxiliadora para a alfabetização visual, sendo peças

fundamentais para a transmissão de saberes. Segundo Ramos (2020, p.27), “tantos livros ilustrados no passado permanecem atuais. Seus autores conseguiram criar composições que deixam marcas, sendo muitas vezes difícil romper com esse imaginário visual”. Desse modo, o texto imagético permanecem na memória do leitor, podendo passar anos e anos e não se apagarem, pois para o leitor é mais fácil compreender texto imagético do que texto verbal. Certamente, os textos imagéticos são recebidos de maneira mais rápida pelo leitor, ou seja, ele prioriza mais texto imagético do que texto verbal. Santaella (2012, p.104), diz que “somos mais capazes de memorizar descrições de objetos a partir de imagens do que a partir de palavras”. Assim, o leitor memoriza com mais facilidade os textos visuais que trazem a leitura de imagem do que os conceitos que são mais difíceis de decifrar.

É importante, desde cedo, que a criança venha a exercitar seu olhar diante do que os textos imagéticos representam e trazem nas narrativas, pois aprender a examinar texto imagético é um grande aprendizado. Nos tempos atuais, existem leitores que não tiveram esse contato com a leitura visual, não treinaram sua visão em relação aos múltiplos significados que os textos imagéticos trazem nas narrativas literárias, pois é preciso treinar o olhar diante da realidade imagética. Assim, Ramos (2020,p.34) explica que:

Olhar é forma de perceber, mas não se trata do gesto maquinal de colocar os olhos rapidamente. Refere-se ao ato de, a partir dos olhos, examinar, avaliar, correlacionar, pensar o que está sendo visto. Aprender a olhar significa sair do gesto primário de captar algo com os olhos, que é uma atividade física, e passar para outro estágio, aquele em que, a partir de muitos exercícios mentais, absorvemos e compreendemos o examinado.

A partir do momento em que se coloca os olhos nos textos imagéticos expostos nas narrativas é preciso olhar com calma, não apenas passar a vista rapidamente, mas sim, apreciá-la. Para se compreender os significados dos textos imagéticos é preciso passar por vários estágios de leitura, exercitando o olhar crítico, indo além do que os textos imagéticos estão expressando de primeira mão. O leitor precisa ter curiosidade de instigar os textos imagéticos.

Os livros infantis deixaram de ser apenas um divertimento para as crianças e passaram a ser algo importante nas prateleiras das bibliotecas das escolas, pois a percepção lúdica da leitura faz com que as crianças aumentem sua aquisição de escrita. Outro elemento importante na literatura infantil são os textos imagéticos, sendo de suma importância para chamar atenção das crianças para as cores presentes nas narrativas literárias, ou seja as cores apreendem a atenção do público pela forma como são projetadas dentro da narrativa, e logo a criança tem seu primeiro contato com a leitura visual. Na perspectiva de Chicoski (2010, p.63), “na

literatura, especialmente na infantil, a imagem tem valor significativo, por que usufrui de um protagonista evidente (de forte marcação visual)”. Sendo assim, os textos imagéticos na literatura infantil ajuda muito a criança a se desenvolver mais rápido na leitura, pois a mesma além de ler o texto verbal aprenderá a analisar as imagens que se articulam junto com o texto.

Os textos imagéticos é um dos recursos importantes para o livro infantil literário, pois serve para reforçar o entendimento da criança ao texto verbal, muitas vezes a criança não entende o que o texto verbal está passando, e através do texto imagético é possível compreender de forma mais clara os personagens das narrativas. Chicowski (2010, p.64), confirma que “a literatura infantil usa recurso da imagem como requisito essencial no texto literário, porém, muitos desses estereotipados são veiculados por meio das ilustrações, muitas vezes confundem-se e reforçam nos livros infantis, o ético e o estético”. Desse modo, as crianças são cativadas para a leitura pelos textos imagéticos que acompanham as histórias. Na literatura infantil é necessário que o livro venha cheio de texto imagético junto ao texto verbal, para que a crianças que não sabem ler ainda possa estar fazendo sua leitura visual, antes mesmo de adentrar no mundo da leitura verbal.

O texto imagético junto ao texto verbal é visto como uma ferramenta de grande poder que tem um chamariz para olhos das crianças deixando-as mais interessadas pela leitura. Uma vez que, as narrativas literárias possibilitam que de cedo tenham essa alfabetização da leitura visual, para assim, se tornarem seres críticos e reflexivos diante de situações da sociedade em que vive. Os mesmos poderão agregar sentidos e darem valores as informações no enredo de acordo com suas próprias vivências.

De acordo com Ramos (2020), as crianças são atraídas pelo que os desenhos costumam provocar. Desse modo, quando a criança se depara com uma história narrada apenas com palavras se sente desmotivada, ela necessita de um reforço a mais , que no caso seria além de ler as palavras, tentar visualizar todas as situações presentes na narrativa, que seria o texto verbal e texto imagético.

Cada texto imagético junto ao texto verbal têm algo a contar, contribuir para a história e, muitas vezes, isso passa despercebido pelo leitor, visto que ele não tem o hábito e nem curiosidade de parar seu olhar diante dos texto imagético e tentar compreender o sentido que elas trazem para o texto verbal. Inegavelmente, os textos verbais enriquecem as narrativas literárias, possibilitando a cada um contar sua própria história, criada em sua imaginação. Os livros com texto imagéticos cada vez mais se tornam um viés importante para o aprendizado do leitor, através dos texto imagéticos a criança irá ter seu primeiro contato com a leitura visual.

A ilustração pode representar, muitas vezes, a iniciação da visualidade da criança, seu primeiro contato com a obra de arte e com as artes visuais. Ela tem o papel de formar, de educar o olhar, de ampliar os repertórios visuais, contribuindo na constituição de um leitor crítico - não só de texto, mas também de imagens. (FLECK; CUNHA ; ALDIN, 2016 p. 199).

Dessa forma, o texto imagético e o texto verbal fazem com que o leitor crie suas próprias histórias, levando em consideração o âmbito de vivência em que está inserido, além do leitor se vê sendo representado pelos personagens nas narrativas, poderá se desenvolver em vários aspectos referentes à leitura visual, que é vista como grande mediadora para o aprendizado do olhar da criança e despertando nela a sensibilidade crítica.

Os textos imagéticos têm alto valor na formação de muitos indivíduos, possibilitando que a criança seja capaz não só de interpretar, mas de construir ideias em relação os textos imagéticos . Mesmo que os pequenos leitores, ainda nos anos iniciais, não saibam o que o texto diz, no entanto, através dos textos imagéticos é possível fazer essa leitura da história, apenas visualizando os textos imagéticos. Santaella (2012, p. 1) afirma que:

De uma mera festa para os olhos e informação para aqueles que não sabiam ler e nem escrever, as imagens e figuras passaram a ser, cada vez mais, peças fundamentais na transmissão de conhecimentos científicos e técnicos, na medida mesma do aprimoramento de seu modo de gravação.

Os textos imagéticos na literatura infantil têm sido efetivamente um processo essencial, um recurso de aquisição indispensável para a formação humana, a mesma possibilita às crianças a desempenhar várias maneiras de leitura, no seu processo de aprendizagem. Os textos imagéticos podem complementar o que o texto verbal está expressando. Segundo Santaella (2012, p.109), “texto e imagem são complementares em muitos aspectos. Aquilo que falta à imagem pode ser complementado através do texto verbal”. Desse modo, ambos ajudam ao leitor compreender o significado da mensagem, enfatizando o que o autor quer passar de forma mais fácil.

Nos livros de literatura infantil a simbolização presente na ilustração é importante para cativar e chamar atenção dos leitores, sendo que todo leitor precisa ter este contato com a simbolização desde muito cedo. Segundo Ramos (2020 ,p.17) enfatiza que:

todos necessitamos da simbolização do real para nos desenvolvermos, e o mundo da infância está repleto de signos e símbolos que sustentam a existência adulta, daí a importância para que os livros ilustrados adquirem ao mostrar como esses símbolos podem ser representados.

Nesse sentido, os símbolos presentes nos texto imagéticos facilitam a compreensão das narrativas, substituindo conceitos mais concretos para que as crianças consigam traduzir o que a história está se tratando de forma mais rápida. Sendo assim, cada vez mais os texto imagético vem se tornando fundamental no processo de leitura das crianças, pois trazem informações que exige esforços da criança que irá ler. Ramos (2020, p.23), afirma que “histórias narradas apenas com as palavras tendem a cansá-las, porque necessitam fazer esforço extra, que é o tentar visualizar todas as situações” . Dessa maneira, as narrativas apenas com palavras tornam-se algo que não chama atenção do leitor, não desperta curiosidade para que abram os livros para ler. As crianças gostam de ler livros com imagens para assim, assimilarem o que ambos trazem um para outro, ou até mesmo por motivo de compreender melhor.

Muitos leitores que tiveram o contato com seus primeiros livros infantis, ao folhearem e ao se depararem com os textos imagéticos , terão a capacidade de nunca esquecerem o que viram, pois, a mesma é armazenada em sua memória, principalmente quando estão relacionados com o contexto em que se está vivendo. Os texto imagéticos mexem com o imaginário da criança e, muitas vezes, impactando com suas frustrações de mundo. Ramos (2020, p.16) afirma que:

Muitos outros leitores devem guardar pelo resto de suas vidas lembranças das primeiras imagens folheadas. Elas podem ter tido um impacto grande sobre suas formas de lidar com as alegrias e também com os medos e anseios que a infância sempre traz. Isso porque nessa época da vida em que muitos temores e variadas inseguranças nos acometem, e nem sempre as palavras dão conta de expressá-los, um livro ilustrado poderá contribuir para tornar menos doloroso o enfrentamento de tais desafios. Ou liberar a fantasia e deixa-la criar suas narrativas visuais.

Portanto, os texto imagético junto ao texto verbal reforça ainda mais o que o autor não consegue expressar apenas através das palavras, logo que a ilustração de um livro deixa mais interessante para criança. Partindo desse pressuposto, as ilustrações despertam na criança várias formas interpretativas, ajuda-os a desenvolver tantas outras formas de leitura, e aguçando seu gosto estético de cedo. Conforme Ramos (2020, p.26), “o fundamental é que a ilustração cause deslocamento, provoque no leitor emoção e o faça imaginar e refletir a partir do que está narrado pelo ilustrador” . Dessa forma, os texto imagético nas narrativas literárias têm o poder de provocar associações e espaços no imaginário do leitor, podendo assim despertar esse pensamento imagético e refletir sobre diversas versões de histórias que poderiam estar inseridas na narrativa lida, sendo o reflexo de sua realidade.

É importante dizer que os texto imagéticos é um instrumento que transmite inúmeras possibilidades de leitura. Antes mesmo da criança adentrar na leitura verbal, já têm passado pela leitura do texto imagético, interpretação e significação. É mensurável que os texto imagéticos estejam presentes na leitura das crianças, elas dão cor, sentido ao texto verbal e despertam interesse para leitura do texto imagético:

O livro de imagem é objeto inteligente, composto das mais diversas linguagens e deveria sim, estar ligado a todos os processos de leitura, tanto leituras verbais, já possibilita construção narrativa, quanto na leitura visual imagética, como instrumento de alfabetização visual, e assim, por consequência, leituras de mundo e conhecimento(POZZOBON, 2010. p.7).

Consoante a isso, o texto imagético se torna inteligência visual, aumentando a inteligência dos leitores e ampliando o espírito criativo, os texto imagético possibilitam enriquecer o processo de alfabetização. Entre texto imagético e o texto verbal existem esses jogos de sentido explícito e implícito. Na visão de Santaella (2012, p.105) “são esses pequenos ardis e segredos do mundo das linguagens e seus modos de significar que a leitura das relações entre imagem e texto nos leva a compreender”. Neste sentido, as duas linguagens possuem uma mera cumplicidade para transmitir uma história ao leitor, efetivamente ampliando experiências significativas de leituras visuais.

Os textos imagéticos são de sua importância para os textos literários, pois através delas abriram-se portas para que a imagem da criança negra seja representada, sendo que por muito tempo não se visualizava essa representatividade por meio dos textos literários.

E é importante que as crianças se vejam sendo representadas por outros personagens da sua mesma cultura. De acordo com os estudos de Ferreira (2018, p. 75), “a literatura infantil abre possibilidades de exploração de representação positivas da criança negra nos livros infantis, para que desde pequena possa se sentir representada e seja reconhecida sua identidade”. Assim, os textos imagéticos nas narrativas literárias ajuda as crianças em seus descobrimentos e representatividade literária social, pois não é apenas através dos textos verbais que irão ficar satisfeitos, mas sim, em ver crianças negras fazendo partes das narrativas.

Vale salientar que essa representatividade da criança negra reforça a ideia de inclusão do povo negro e sua representação na literatura, o que antes não ocorria. Ferreira (2018, p.33), afirma que “como não eram reconhecidas, eram raras as possibilidades de se sentirem representadas longe da visão negativa”. Desse modo, o texto imagético faz com que as crianças negras se sintam espelhadas, o que por muito tempo não tinha sua cultura notada e

nos tempos atuais a presença da criança negra nas narrativas literárias ficaram mais frequentes.

Além dos textos imagéticos possibilitar variáveis pontos positivos para o aprendizado da criança, ela traz consigo o papel de representação de identidade, pois muitas crianças sofrem com essa ausência de representatividade nos enredos infantis literários, muitas se questionam o porquê de não ter imagem das crianças negras nas narrativas literárias e sim apenas as brancas.

E através dos textos imagéticos é possível ter essas respostas para tal pergunta referente a sua cultura. Para Ferreira (2018, p.14), “é preciso que as obras que trazem a representação da criança negra possuam imagens que a valorize e garanta a desconstrução de ideologias negativas construídas acerca da personagem negra”. Desse modo, é possível perceber que os escritores, através dos textos imagéticos, passaram a valorizar mais os personagens negros enfatizando-os nos enredos literários com pontos positivos, quebrando um pouco o preconceito

Quando falamos em ilustração não são apenas as imagens em si, mas um conjunto de elementos que fazem das ilustrações mais prazerosas e atraentes. Ao observar os texto imagéticos nas narrativas percebe-se que existe projeto gráfico que tem o papel de chamar atenção do leitor para adentrar nas páginas dos livros infantis. Ramos (2020, p. 30) argumenta que:

Está relacionado à definição de um projeto gráfico que estabelecerá os tipos de letras a serem usados, o tamanho, o espaçamento e o entrelinhamento delas; definirá ainda o ritmo do texto nas páginas, o que sugerirá o andamento da leitura; pensará a forma de integração entre texto e as ilustrações escolherá o tipo de papel que servirá de suporte e os recursos técnicos a serem utilizados na mecânica do livro.

Portanto, quando se faz uma leitura mais aprofundada do texto imagético em determinado livro é necessário levar em consideração todos os elementos que a acompanha para se ter bons resultados de leitura, e o projeto gráfico das ilustrações é um componente que totaliza o sentido do texto. Antes mesmo de se fazer um projeto gráfico é preciso fazer análises, levando em consideração a história e as ilustrações.

O projeto gráfico dos textos imagéticos é um dos pontos mais importantes das ilustrações, pois é através dele que o leitor irá adentrar nas páginas para a leitura da narrativa. Ele faz com que o leitor percorra várias leituras, visualizando todos os traços nos textos imagéticos, além das cores propostas de imediato. Assim, “o projeto gráfico associado às ilustrações propõe uma experiência radical de leitura. Tudo dependerá de como o livro é

manuseado” (RAMOS, 2020, p. 152). O projeto gráfico dos textos imagéticos é um dos pontos mais marcante das ilustrações, despertando o desejo logo de início pela capa.

É importante dizer que na maioria das narrativas é possível perceber frases simples. Na visão de Ramos (2020, p.82), “as palavras são usadas quase sempre em frases curtas. E elas são mais bem compreendidas quando vemos as ilustrações, que trazem novas informações ao texto verbal”. Portanto, mesmo que os textos imagéticos venham dominar as páginas, ainda não conseguirá transmitir a mensagem desejada sem o texto verbal, as vezes a cumplicidade se faz necessário entre ambos.

As ilustrações ajudam as crianças a descobrir variáveis maneiras de leitura, aumentando sua probabilidade de conhecimento em relação aos textos imagéticos, que cercam suas leituras, sendo que muitas o leitor não dá a mínima importância pelo simples fato de não terem a alfabetização de leitura dos textos imagéticos. Conforme os estudos de Ramos (2020, p.91), “são as imagens que reforçam esse caráter pedagógico” . Desse modo, os textos imagéticos atraem as crianças para o mundo de descobertas, pois quando a criança tem o contato com os textos imagéticos ela começa a imaginar várias versões de histórias, além de se vê sendo representado.

O leitor ao ter contato com as narrativas literárias devem ter muita atenção ao comparar o que as duas linguagens verbal e visual estão querendo transmitir. Ramos (2020, p. 94), diz que “as ilustrações e as palavras dialogam, mas o leitor é poupado de ter que avaliar com mais cuidado as imagens, porque elas são consoantes com o texto”. Dessa maneira, o leitor, de forma coerente e atenciosa, não deve passar do ponto que texto imagético e texto verbal, ou seja, não se deve fugir do padrão que um passa para o outro.

As ilustrações também são vistas como descritiva, ao momento que detalha, estabelece e sintetiza. Segundo os estudos de Camelo (2015, p. 105), “as imagens resultam do complexo tear multifacetado composto por um conjunto de elementos que se formam a partir das células unitárias de suas bases, quer um sejam um traço, uma cor, um agrupamento de pontos etc”. Dessa forma, todos esses pontos fazem das ilustrações uma ferramenta muito rica em significados, com vários elementos para serem considerados em uma boa formação de leitores visuais.

Na literatura infantil as cores são de suma importância para a leitura das crianças, pois o colorido dos textos imagéticos desperta na criança o prazer e a curiosidade de querer adentrar na leitura do livro. Na visão de Silva (2020, p. 69), “a grande maioria dos livros infantis são coloridos. A cor é um atrativo muito grande para as crianças, sendo o elemento que mais se destaca na ilustração”. Dessa forma, as crianças se fascinam pelas cores de

imediatos, pois quando os textos literários não trazem esse jogo de cores, apenas preto e branco elas não se sentem atraídas.

O texto imagético é visto como o primeiro chamado para crianças, logo são fisgadas pelas cores, quando ainda não tem domínio da leitura verbal, pois de cedo é de extrema importância se aperfeiçoar ao hábito de leitura visual, na qual faz com que tenham curiosidade de abrir o livro para a leitura do texto verbal. Então, Silva (2020,44), afirma que:

Se esse poder que a imagem tem de mobilizar nossa atenção muitas vezes nos perturba, agredindo-nos com informações não solicitadas e apelos excessivos, nas obras de literatura infantil ela constitui um chamariz, um chamado irresistível que move o jovem leitor a abrir a capa do livro e a conferir seu conteúdo. É, pois, pela imagem que a literatura infantil seduz o leitor.

Sendo assim, algumas vezes o texto imagético nos perturba pela forma como é colocada junto ao texto verbal mas, porém, nos ajuda a compreender quando não sabemos o que o texto verbal está dizendo de forma mais coesa, então, neste sentido, a Literatura infantil usa os jogos de cores para cativar as crianças a adentrar na leitura do texto verbal. Pois não é impossível que não sejam hipnotizados pelos contrastes das cores que acompanha as narrativas literárias infantis. Pode-se perceber que logo de início a capa tem uma função de chamar o olhar da criança, convocando-a a mergulhar na narrativa.

Portanto, quando se tem esse contato com as ilustrações nos livros infantis literários, logo a criança irá sentir-se provocada não só a analisar, mas ativar a sua capacidade de inventar, por isso é importante dizer que a criação, o psicológico, o físico e percepção tudo se inclui nesse processo de leitura de imagens.

E neste sentido, o texto imagético é um viés de suma importância nas narrativas literárias, pois através dela as crianças negras estão ganhando voz nos enredos, conquistando o protagonismo. Elas estão tendo respostas para seus questionamentos em relação a sua tonalidade pele, cabelo, entre outros traços culturais. A imagem da criança negra nas narrativas faz com que outras crianças se assemelhem e encontrem respostas para seu perfil a qual pertencem.

1.3 A imagem da criança negra nas narrativas literárias infantis e juvenis

Durante muito tempo, as narrativas literárias não traziam a representação de personagens negros. Somente a partir do final do XX, especificadamente nas décadas de 1920 a 1930, é que a presença do negro no texto literário começou a aparecer com maior

frequência, mas sempre mostrando o negro como inferior, em condições subalternizadas. Por esse motivo, “[...] o negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte de cena doméstica. Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial” (GOUVÊA, 2005, p.83). Desse modo, o negro é representado como algo sem valor e sem referência alguma para a sociedade, a não ser como escravo, a exercer papéis menosprezados.

Essa ausência do negro nas narrativas literárias remete à sua marginalização após a abolição. Segundo Gouvêa (2005, p.84), “o apagamento do negro nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para ideias de progresso e civilização”. Neste sentido, a ausência dos personagens negros ocorre por conta do poder dominador do branco, lhes tirando acesso a possibilidades de escrita, como direito a frequentarem a escola, eram colocadas ideias marginalizadas sobre os negros, visto que os brancos acreditavam que não tinham o padrão de representatividade para um país idealizado.

Enquanto os negros eram silenciados, visto como insignificante para ocupar papéis em sociedade, o branco estava sendo exaltado. Segundo Gouvêa (2005, p.84), “enquanto a modernidade, associada à urbanidade, ao progresso, à técnica, e à ruptura, era representada pelos personagens brancos adultos, os negros eram relacionados ao significativo oposto, como tradição e ignorância universo rural e passado”. Dessa forma, os principais papéis nas narrativas literárias quem exerciam eram os brancos, pois eram vistos como colonizadores e boa influência para os leitores, diferentemente dos negros que não eram vistos como referência positiva nos enredos literários. O negro não tinha espaço nas obras literárias, sempre era colocado para papéis inferiores por motivo de sua cor.

No Brasil, época de 30, os personagens negros se tornaram mais presentes nas produções literárias destinadas ao público infantil, as quais traziam as culturas, os traços associados aos negros, a oralidade e as histórias de origem africana. No entanto, “tais histórias eram representadas como carregadas de valor afetivo, contadas por pretas velhas, associadas à ingenuidade, ao primitivismo, apresentando uma estereotipia e simplificação características” (GOUVÊA, 2005, p. 84). Assim, as histórias contadas pelas mulheres, no qual eram vistas como inocentes, pertenciam as gerações passadas daquele período, e através da literatura infantil eram resgatadas.

Na literatura infantil a representação do negro era fragmentada, ele não era visto de forma igualitária aos outros povos de pele branca, eram representados como seres que não contribuíam para o país, como se sua presença não fizesse sentido algum para a população, ou seja, um ser insignificante, que não se encaixava com os padrões de um país civilizado.

Conforme os estudos de Gouvêa (2005, p.6), “o negro emergia nas narrativas, de maneira mitificada, identificado com as raízes do país”. Em vista disso, nos textos literários os personagens negros não tinham um papel superior do branco nas narrativas, mas sim um papel menos favorável, com nomes que reforçavam ainda mais sua tonalidade de pele, como por exemplo “negrinha”, “pretinha”, dentre outros.

Os personagens brancos sempre ocupavam os lugares privilegiados nas narrativas literárias, assumindo os papéis mais importantes dos enredos, sem interferência. Segundo Felipe (2016, p.16), “eram sempre os heróis e heroínas, mocinhos e mocinhas inocentes que, por mais que sofressem e enfrentassem dificuldades, ao final, alcançavam a felicidade e obtinham o êxito almejado durante sua caminhada”. Neste sentido, os brancos sempre apareciam com mais frequência nas histórias literárias, ou seja, eram os únicos que possuíam os padrões idealizados pelos escritores daquela época e, através das narrativas, mostravam que nada era difícil para as classes brancas, diferentemente dos povos negros.

Os personagens negros não tinham o direito de mostrar suas culturas, tradições, costumes, mas com o passar do tempo isso vem mudando devido ao protagonismo infantil na literatura. Assim, é possível notar que a sociedade não é a mesma de antes, vem rompendo com este silêncio e invisibilidade em relação a personagem negro nas narrativas literárias.

Nos tempos atuais percebe-se nas narrativas infantis literárias que esses personagens negros estão ganhando voz nos enredos literários, rompendo com tanto preconceito relacionado aos personagens infantis negros nas narrativas, nota-se este preconceito nos personagens feminino, no qual ocupavam os papéis mais inferiores nas narrativas. Sousa e Lima (2006, p.188), exemplificam que “na maioria dos textos infantis publicados até a década de 30, a personagem feminina negra é invariavelmente representada como empregada doméstica, retratada com um lenço na cabeça, um avental cobrindo o corpo gordo: a eterna cozinheira e babá”. Com isso, podem perceber que o papel do negro não tinha importância para as narrativas, na qual o negro era visto de forma desprezada, sem importância alguma para a personalidade dos indivíduos.

Nas obras literárias a representação dos negros era comparada a uma criança pequena, como se ambos possuíssem o mesmo nível de desenvoltura cognitiva, ou seja, o negro adulto seria comparado com mentalidade infantil, com a mesma mentalidade que uma criança branca demonstraria. Então, nos tempos passados existia essa distinção dentro das narrativas literárias.

Devido a abolição de tráfico, que ocorreu na época de 1950, os escritores brasileiros começaram a olhar para os escravos, inserindo-os nos textos literários, porém de forma

preconceituosa. Segundo Castilho (2004,p.104), “nos textos literários desse período, os escravos eram descritos com desgosto, piedade e de forma desumana”. Assim, mas não colocando-os como protagonistas, mas sim para exercer papéis que fossem menos participativos dentro das narrativas literárias. Dessa forma, os personagens negros quase não apareciam para mostrar sua identidade.

Os negros eram associados a algo ruim, que não acrescentaria para a sociedade, que não possuía características positiva para compor as narrativas literárias, muitas vezes tinham que embranquecer sua pele, para assim, poder fazer parte de algum enredo. Conforme os estudos de Dias e Malafaia (2018, p.15), “o negro diante dos traços europeus, visto como superiores, frente à ridicularização e a interiorização das características negroides em nossa sociedade, tentará embranquecer a qualquer custo[...]”. Assim, o negro era obrigado a negar seus traços físicos, para assim poder fazer parte de um papel e, muitas vezes, tinha que embranquecer sua própria pele para ficar mais claro, pois sua tonalidade de pele não era ideal para ocupar certos espaços nas narrativas.

Diante desse contexto, os negros dificilmente apareciam nas narrativas literárias, quando apareciam eram com papéis inferiores ao branco. Felipe (2016, p. 22), enfatiza que “o negro está, então, associado à maldade, à feiura à maldição, enquanto o branco à beleza, à bondade e à premiação”. Nesse sentido, para os brancos os negros não tinham traços e nem inteligência para compor papéis de representações, para eles o negro não tinha serventia, não possuía características que fossem idealizadas pela sociedade, pois os únicos que eram vistos como referências eram os brancos, os únicos que poderiam ser representados nos textos literários de forma positiva.

A literatura infantil brasileira iniciou-se com o famoso escritor Monteiro Lobato. Em suas produções é traçada inovação e fantasia, podendo assim representar as características do Brasil através dos seus personagens. Monteiro Lobato foi um grande anunciador do Modernismo no Brasil, de acordo com os estudos de Castilho (2004, p.107) “[...] foi o autor que mais declaradamente, atacou os negros de forma cortante e preconceituosa: considerava-os ora animais selvagens, ora como resignados”. Dessa forma, o negro foi silenciado por muito tempo, apesar de o negro aparecer nas suas produções, Monteiro Lobato não os apresentava exercendo suas culturas de forma positiva, mas sim como se fossem para assumir papéis menos relevantes.

Essa desvalorização do negro nas produções de Monteiro Lobato pode-se perceber em uma das suas produções que foram de grande sucesso, não só nos tempos passados, mas nos tempos atuais. Temos como exemplo a obra *Sítio do Pica Pau Amarelo*, na qual os papéis do

negro eram estereotipados, inferior, desprezados, desvalorizados, o qual o negro não era tratado pelo seu nome, mas por apelidos, visto que a “Tia Nastácia, a principal personagem negra de Monteiro Lobato é analfabeta e chamada “a negra de estimação, negra que é tratada como parte da família” (CASTILHO, 2004, p. 108). Em síntese, o negro assume sempre o papel de inferioridade, ou seja, se encontra sempre na cozinha, a beira do fogão, algo que reforça ainda mais sua desqualificação social.

Ainda neste mesmo contexto, pode-se perceber que Tia Nastácia além de ser desprezada é atacada com xingamentos: “Ninguém lhe poupa críticas. Na história, Monteiro Lobato mostra que, para ele, existe tensão sem solução, entre o mundo da cultura de uma negra, analfabeta, e o da cultura branca burguesa” (CASTILHO, 2004, p. 108). Neste sentido, para Lobato o branco tem direito de exercer o protagonismo nas narrativas infantis, enquanto o negro não é valorizado.

Essa representação de diferentes personagens nas narrativas literárias, não se visualizava a presença de personagens infantis negros, ela era crucial para a criança negra se redescobrir com as características que os mesmos traziam, pois, “o desejo de querer fazer parte de uma cultura ou de ser semelhante a indivíduos que têm os pertencimentos étnicos diferentes dos nossos pode acarretar uma construção de baixa autoestima das crianças negras” (SILVA *et al*, 2020, p.181). Dessa forma, essa ausência da imagem da criança negra nas narrativas infantis é vista como uma negação de suas características em relação a outras que tem um padrão mais idealizado de compor as narrativas infantis.

Vale ressaltar que a construção da identidade da criança vai muito do que é lhe apresentado, e tido como referências. Neste sentido, “todos os espaços em que as crianças convivem, além de objetos, aos quais ela têm acesso, transformam-se em referenciais que interferem na construção de valores e atitudes” (SILVA *et al*, 2020, p. 182). Portanto, tudo que é apresentado a criança ela tem como referências, e principalmente através das narrativas literárias no qual irá se identificar com o que os personagens trazem de representatividade.

A representação dos personagens negros nas narrativas literárias é de suma importância para que a criança ao ler se identifique, construa sua identidade. Através dessas representações que irão encontrar resposta para suas características. Castilho (2004, p. 112), explica que essas representações” [...]contribuem de forma significativa para que as crianças, em especial as crianças negras, sejam despertadas para o mundo da escrita e da leitura, vendo sua cor, sua história, sua cultura, suas características sendo representada de forma positiva”. Portanto, essas representações de personagens negros nas narrativas literárias têm sido um ponto positivo para despertar as crianças para a valorização de identidade, pois muitas

crianças ainda necessitam dessas leituras como referências tanto para a criança branca como a negra. É importante que compreendam sobre suas origens através dos livros infantis.

Nas narrativas literárias infantis percebia-se sempre a criança branca como protagonistas nos enredos, e a criança negra era obrigada a se comparar com as mesmas. Na perspectiva de Arena e Lopes (2013, p.1158), “na literatura infantil brasileira o grande corpo ideológico, no qual são inseridas, as crianças negras, tomam a cultura e as características físicas da população branca como referência”. Sendo assim, a criança branca sempre era privilegiada a ocupar os espaços nas narrativas literárias para expor seu padrão de beleza, enquanto a criança negra não tinha espaço para representar sua cultura e seus traços, para assim outras crianças negras se identificar com seus traços culturais.

Essa ausência faz com que as crianças não se redescubram, impossibilitando-as de terem suas culturas representadas, de forma mais clara, visto que “essa ausência dificulta a construção da identidade negra, porque impossibilita às crianças de estabelecer interlocução com personagens de sua etnia” (ARENA; LOPES, 2013, p.1155). Neste sentido, é necessário que a criança negra encontre suas raízes nas narrativas literárias e se identifique.

É mensurável que as crianças vejam e sintam sua representação através dos personagens negros que aparecem nas histórias infantis, pois, muitas vezes, essa ausência de representação faz com que as crianças não encontrem respostas para suas dúvidas em relação seus traços físicos. Conforme Rohdes El tal. (2017, p.4), “geralmente, ao iniciar uma leitura, sendo ela conto, fabula ou mesmo estória, voltadas para o infantil, o leitor tende a se identificar com algum personagem, geralmente irão escolher os mais bonitos, os corajosos, os mais honestos e bondosos, esses vão despertar dentro do leitor um engajamento do contexto”. Portanto, os personagens os quais são escolhidos para compor as narrativas literárias, são de pele branca e compõem os papéis de representação de rei, rainha, príncipe e princesa, herói, heroína. E as crianças negras são obrigadas a se identificar com os brancos, pois não há ainda uma presença exponencial de personagens infantis negros nos textos literários.

Portanto, essa representação de personagens infantis negros na literatura infantil ainda se encontra um pouco escassa. No entanto, em comparação aos tempos passados, hoje é possível ver essa representação com mais frequência, mesmo que de forma tímida. Com isso Rohdes el tal (2017, p.4), confirma que “a representação da identidade, na literatura infantil, é de suma importância para a formação da personalidade da criança, para o seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, dessa forma ela absorve, através das representações literárias, a cultura que lhe é imposta[...]”. Sendo assim, é possível a criança descobrir a qual

raça pertence através dos personagens que acompanha a narrativa, pois eles vêm exercendo dentro da narrativa diferentes papéis.

Neste sentido, é através da representação dos personagens negros que as crianças irão encontrar respostas para suas indagações, pois as crianças negras vivem se questionando o porquê de nascer assim, com traços físicos peculiares à sua raça, como por exemplo, ter cabelos crespos e volumosos, lábios grossos, pele escura, ou seja, por ter esse padrão de beleza. E através dos personagens negros nas narrativas literárias poderão ter essas respostas para os seus questionamentos. Certamente, quando as narrativas trazem essa representação ela se sente entusiasmada quando ver um personagem que carrega seus mesmos traços étnicos, a mesma raciocina que não é única neste universo. Ferreira (2018, p. 82) explica que:

É importante que as obras de literatura infantil tragam representações da criança que contemplem sua realidade, pois acredita-se que quando a obra traz imagem que detalham o lugar se reconhece e identifica por meio da personagem seu espaço bem como cultura.

Para tanto, as crianças negras gostam de verem personagens negros nas narrativas que trazem suas raízes, como cabelo crespo, pele escura, lábios grossos, entre outros pontos as quais fazem parte de sua raça. A partir do momento em que a criança visualiza seus traços físicos e étnicos nos personagens ela inicia seu processo de redescobrimto, ou seja, irão reconstruindo sua identidade e aumentando sua autoestima e se aceitando como étnico racial.

Isso é um ponto crucial para os personagens negros infantis se acentuarem ainda mais nas leituras das crianças, pois é necessário haver essa representação de diversas culturas, não apenas, priorizando as crianças brancas, mas as negras também.

Como podemos perceber logo abaixo na obra analisada, os personagens negros aos poucos estão ocupando lugar de principal protagonista nas obras literárias. Então, assim, como Lelê ficou contente em ver sua cultura sendo representada em um livro, outras crianças também se sentem e esperam encontrar respostas. Existem inúmeras crianças a procura de obras que falam sobre seus traços, sua cultura, ou seja, narrativa que identifique algo que têm haver com a si mesmo ou então com seu grupo familiar.

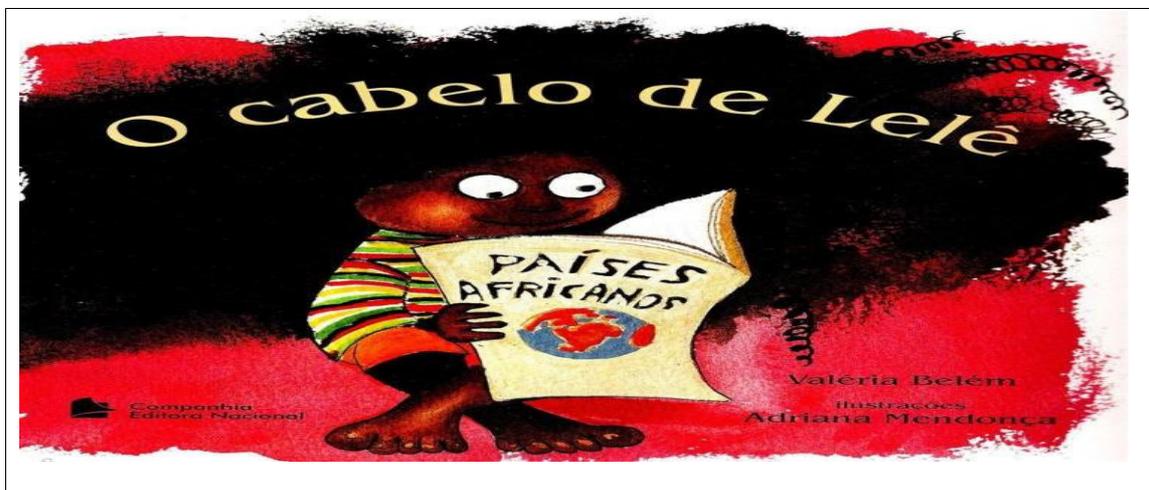
2. ANÁLISE DA OBRA *O CABELO DE LELÊ* (2017), DE VALÉRIA BELÉM: RELAÇÃO ENTRE TEXTO, IMAGEM E REPRESENTATIVIDADE

Valéria Belém, autora da obra *O Cabelo de Lelê*, nasceu no Rio de Janeiro, sua mãe é cearense e seu pai tocantinense, morou em vários lugares do Brasil entre eles podemos destacar: Brasília, São Paulo e Goiás. Ela foi editora dos suplementos *Almanaque* e *Campo*, o jornal *O Popular* (GO) e pelo trabalho desenvolvido no *Almanaque* recebeu o prêmio da *Society for News Design* (SND), de Nova York.

Desde o início de sua carreira dedicou-se mais ao jornalismo deixando mais de lado a escrita, e ao ingressar na sua carreira de jornalista, ela começou a participar de assuntos que envolviam as crianças, e isso despertou seus interesses em escrever livros infantis considerando sua forma de enxergar o mundo. Um dos seus maiores sonhos é poder tocar o coração dos leitores que tem contato com seus livros, ela já escreveu vinte e seis livros, com variados assuntos como: padrão de beleza, *bullying*, vida e morte, todos os livros em foco nas crianças.

A obra *O Cabelo de Lelê de Lelê* foi publicada no ano de 2007, pela editora Companhia Nacional e foi uma das obras mais vendidas, sendo inspirada em uma menina que sofria com seu padrão de beleza por conta de problemas de aceitação. Já as ilustrações ficaram por conta de Adriana Mendonça, artista plástica, ilustradora e professora universitária. Ela trabalha em um jornal de Goiânia chamado *O Popular*, em que desenvolve as ilustrações do suplemento infantil *Almanaque*. O seu talento para a ilustração se destaca já na capa, conforme ilustrado abaixo:

Figura 1 – capa do livro *O cabelo de Lelê*



Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. São Paulo: IBEP, 2007, p.1

Na capa, o título faz referência ao cabelo de Lelê mostrando-o como sendo de uma menina negra, a qual é colocada como a principal personagem da obra, mostrando inicialmente sua cultura. Nota-se que seu cabelo toma conta de toda a capa do livro e despertando curiosidade pela forma como é colocado o texto imagético com o texto verbal para assim gerar curiosidade na criança para adentrar nas outras páginas do livro.

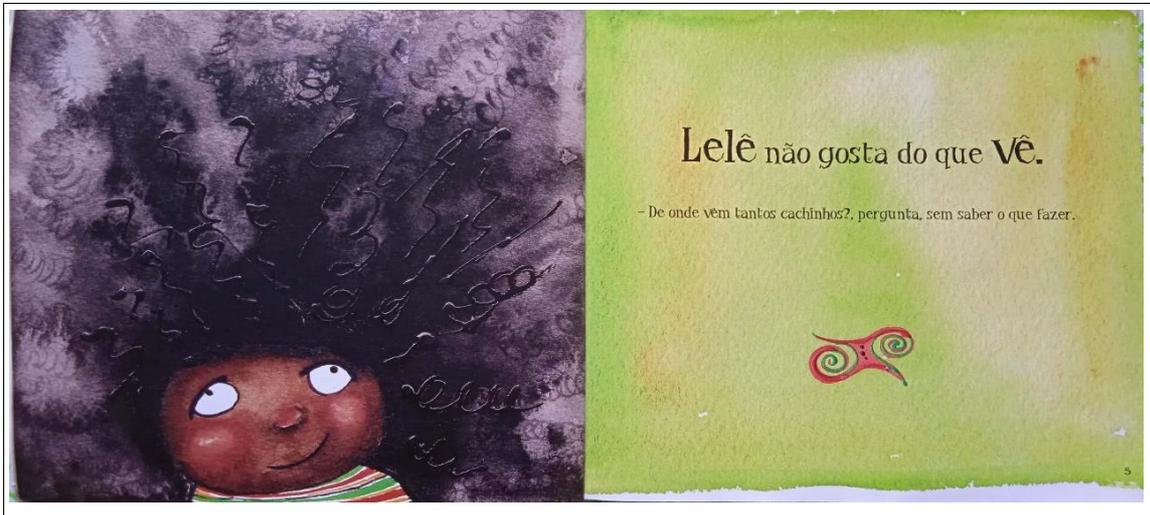
É possível observar que a cor da fonte é colocada em amarelo, para assim o leitor notar o título com mais clareza e não ser orientado apenas pelas imagens e para que possa se destacar na cor preta dos volumosos cabelos de Lelê. A ilustradora Adriana Mendonça (2007), coloca a imagem de forma que exalte as características físicas da personagem infantil negra. Assim, se não tivesse a imagem junto ao texto não era possível saber como seria o cabelo de Lelê, pois através da ilustração leitor poderá visualizar que é uma criança negra que aparece em destaque, com os traços de sua cultura afrodescendentes, exaltando seus traços físicos de negritude, como a cor da sua pele, seu cabelo crespo, nariz e olhos bem grandes, entre tantos outros traços,

Temos ainda, a menina com o livro intitulado de países africanos na mão, ela mostra um olhar de admiração, como se estivesse à procura de algo no livro em que está lendo. Ou seja, ela busca em outro livro respostas para suas inquietações, sobre sua aceitação. Assim, Isso evidencia o papel da leitura como formas de desmitificar preconceitos sociais e libertação das amarras do preconceito. Sendo assim, “a representação da identidade, na literatura infantil, é de suma importância para a formação da personalidade da criança, para o seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, dessa forma ela absorve, através das representações literárias, a cultura que lhe é imposta[...]” (ROHDES. *et al.*2017, p. 4).

Portanto, a literatura infantil têm sido uma forte aliada para combater o preconceito e mostrar essa representatividade para as crianças negras, que com o passar do tempo tem colocado os personagens infantis negros com mais frequências nos textos literários. Quando as crianças se vêem nos personagens dos livros em que leem ficam muito entusiasmadas por encontrar respostas para suas fisionomias, pois muitas vezes os pais não sabem como repassar para os filhos de onde vem tal padrão de beleza, e neste ponto é possível encontrar respostas nos livros de literatura infantil. Mesmo que seja de forma mais fragmentada. Vale dizer que muitas crianças desde cedo já pensam em até alisar o cabelo ou se sentem envergonhadas estar no meio de outras crianças que tem pele branca e cabelos lisos. Muitas crianças até chegam a mencionar para outras que não gostam de seu cabelo e nem de sua tonalidade de

pele, gostariam de serem que nem tal criança loira. É possível percebermos que esse tipo de pensamentos das crianças é gerado pela falta de referências nos livros em que leem.

Figura 2- Lelê não gosta do que vê.



Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. São Paulo: IBEP, 2007, p.5.

Já na página 5, podemos observar o cabelo de Lelê todo livre, sem nada prendendo-o, pode-se visualizar também toma conta de toda a página do livro, e só na outra página verde é colocada o texto verbal, enfatiza que a menina não gosta dos seus cabelos, ainda nesse mesmo contexto é possível notar que os cabelos de Lelê são valorizados a todo momento pela a ilustradora Adriana Mendonça. E a escritora Valeria Belém (2007) coloca variáveis tamanhos de letras e linguagens simples na cor verde da outra página, a qual ainda faz parte da primeira.

Outro ponto importante é a expressão de espanto no rosto de Lelê, como se negasse seu padrão de beleza, como enfatizado no texto verbal: “Lelê não gosta do que vê. De onde vem tantos cachinhos?, pergunta, sem saber o que fazer” (BELÉM, 2007, p.5). Sendo assim, a menina não sabe de onde vem tantos cachos, e vive se perguntando de onde surgiu tantos cachos. Sendo assim, a criança negra tem “o desejo de querer fazer parte de uma cultura ou de ser semelhante a indivíduos que têm os pertencimentos étnicos diferentes dos nossos pode acarretar uma construção de baixa autoestima das crianças negras” (SILVA *et al*, 2020, p.181).

Desse modo, quando as crianças vivem se perguntando com quem têm semelhança e não encontram resposta através de outras pessoas ou nos próprios livros acabam ficando com autoestima baixa por pensarem que são únicas no mundo com tal pertencimento étnico, por isso, as imagens de crianças negras nos textos infantis literários possibilitam a criança a

encontrar respostas para tal questionamento sobre sua ancestralidade a qual está inserido. E ao longo dos anos isso está se quebrando as crianças negras estão sendo representadas e com papéis de protagonistas nas narrativas literárias infantis.

Figura 3- LeLê com suas duas mãos na cabeça joga seu cabelo para lá e pra cá.



Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. São Paulo:IBEP,2007,p.6

Nessa outra página 6, é possível percebermos que cabelo de Lelê se destaca na cor branca da página, e sua roupa na cor amarela também deixa a imagem mais colorida e cativa ainda mais a tonalidade de sua pele. A menina com suas duas mãos na cabeça joga seu cabelo crespo para lá e para cá, sem saber o que fazer. Nota-se que seu cabelo é o que mais se destaca na página, e o texto colocado na outra página com letras grandes na tonalidade azul, chama a atenção da criança para não prender seu olhar apenas na imagem, mas visualizar o texto presente.

Os lados lúdico e didático são colocadas nas páginas do livro para induzir as crianças a visualizem todos os pontos importantes das páginas, possibilitando que ela desenvolva seu processo cognitivo, cultural e artístico. Segundo Chicoski (2010, p. 64), “a literatura infantil usa recurso da imagem como requisito essencial no texto literário, porém, muitos desses estereótipos são veiculados por meio das ilustrações, muitas vezes confundem-se e reforçam nos livros infantis, o ético e o estético”. Portanto, a imagem colocada junto ao texto tem contribuído de forma positiva para as crianças negras, e para as brancas compreenderem vários pontos importantes sobre quebrar esse preconceito e diversidade, e através da literatura infantil as crianças negras estão conseguindo ter representatividade sobre suas etnias a qual

pertencem, ou seja, se espelhando pelos personagens infantis negros das narrativas. Ainda nesse mesmo contexto, é importante dizer que a autora ilustradora Adriana Mendonça (2007), teve todo cuidado em não retratar pontos negativos em relação ao cabelo crespo.

Figura 4- Lelê vive se perguntando de onde vem tantos cachinhos

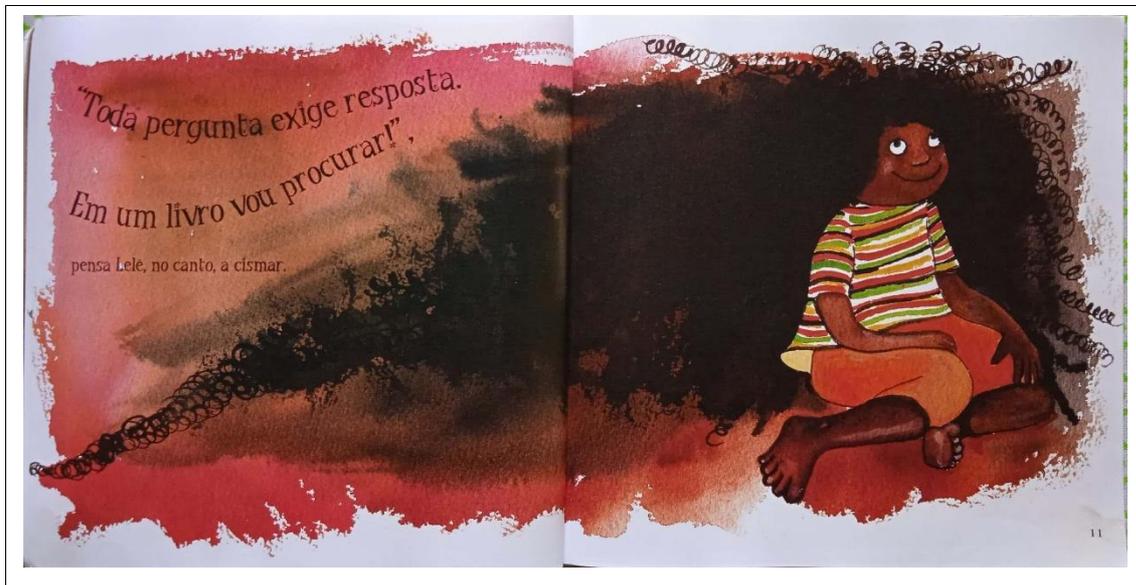


Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. São Paulo:IBEP,2007,p.8

Já nessa outra página 8, a autora utiliza outros jogos de cores e coloca Lelê sentada no banquinho de cabeça baixa e mãos cruzadas mostrando expressão de tristeza, como se não encontrasse respostas para sua pergunta, a menina vive se questionando de onde vem tantos cachinhos, ela procura resposta e não a encontra. Partindo desse pressuposto, assim como Lelê vive se questionando de onde vem tantos cachinhos outras crianças também vivem se perguntando sobre seu padrão de beleza, o porquê de possuir tais traços. E os livros de literatura infantil são de suma importância para as crianças se redescobrirem.

É notório que cada vez mais os livros de literatura infantil estão trazendo personagens negros de forma superior nos enredos, antes notava apenas a presença de personagens brancos ocupando os principais papéis nas narrativas literárias, com papéis de princesas e príncipes a quais eram idealizados como pessoas boas pela sociedade. Segundo Ferreira (2018, p. 14) “é preciso que as obras que trazem a representação da criança negra possuam imagens que a valorize e garanta a desconstrução de ideologias negativas construídas acerca da personagem negra”. Sendo assim, atualmente as crianças negras estão tendo presença nas narrativas infantis, nota-se que os textos literários estão utilizando as imagens de forma que rompa com esses paradigmas que a sociedade europeia impôs contra as culturas negras, na qual as crianças negras nos enredo eram olhada de maneira menosprezada pelos povos de origem brancas.

Figura 5- Lelê pensando em encontrar resposta em um livro



Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. São Paulo: IBEP, 2007, p.11.

Nessa outra página 11, a autora utiliza a única cor vermelha para deixar ainda mais a personagem atraente e cativante, pois ela utiliza uma única página pra colocar a personagem. Diante disso, é possível observarmos Lelê sentada com um sorriso no rosto olhando pra cima e seus cabelos novamente tomando conta de duas páginas do livro. Ela raciocina que para toda pergunta existe resposta. Então, o livro, a leitura, é a porta de libertação para a menina, e a única solução seria procurar em livros.

Nesse sentido, é importante destacar que a imagem junto ao texto ajuda as crianças mesmo sem ser alfabetizadas com o texto verbal, ajuda ela se indentificar e encontrar resposta de forma mais direta para a sua indagação. Portanto, as crianças negras gostam de visualizar outras crianças negras nos enredos para sentirem-se representadas e não serem obrigadas a comparar-se com as brancas e loiras que estão inseridas nas narrativas. Segundo Ferreira (2018, p.33), “como não eram reconhecidas, eram raras as possibilidades de se sentirem representadas longe da visão negativa”. Sendo assim, não só o texto é suficiente para sentirem-se representada pelos personagens infantis negros, mas de visualizarem sua cor, seu cabelo, entre outros pontos de negritude. São pontos importante para as crianças crescerem se redescobrimo através dos personagens negros que acompanha o texto. É importante dizer que além de Lelê outras crianças negras procuram respostas para suas características físicas a qual possuem.

É possível notar na face da menina Lelê a alegria que ficou quando pensou que iria encontrar resposta nos livros. Então é de suma importância essa representação da identidade de personagens negros para as crianças nas narrativas infantis.

Figura 6- Lelê sentada e abraçada com um livro



Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. São Paulo: IBEP, 2007, p.12

Temos na página 12, a personagem Lelê sentada e seus cabelos arrastando pelo chão cobrindo-lhe, seus cabelos parecem molas de tão cacheados e belos. Contente, Lelê abraçada com o livro, mostra em seu rosto expressão de alegria pensando que irá encontrar resposta para sua pergunta que tanto a procura, ao mesmo tempo pode se notar que ilustradora Adriana Mendonça se utilizou do lúdico das cores que realçasse ainda mais os cabelos da menina e sua tonalidade de pele.

Vale ressaltar que a ilustradora se utiliza da imagem de maneira lúdica e didática para despertar atenção das crianças de forma mais rápida. Segundo Ferreira (2018, p.75), “a literatura infantil abre possibilidades de exploração de representação positivas da criança negra nos livros infantis, para que desde pequena possa se sentir representada e seja reconhecida sua identidade”. Portanto, os livros de literatura infantil abrem possibilidade para as crianças negras terem essa representação, pois com as imagens junto ao texto a identidade negra está ganhando cada vez mais protagonismo nos enredos literários.

Figura 7- Lelê lendo o livro sobre a cultura de países africanos.

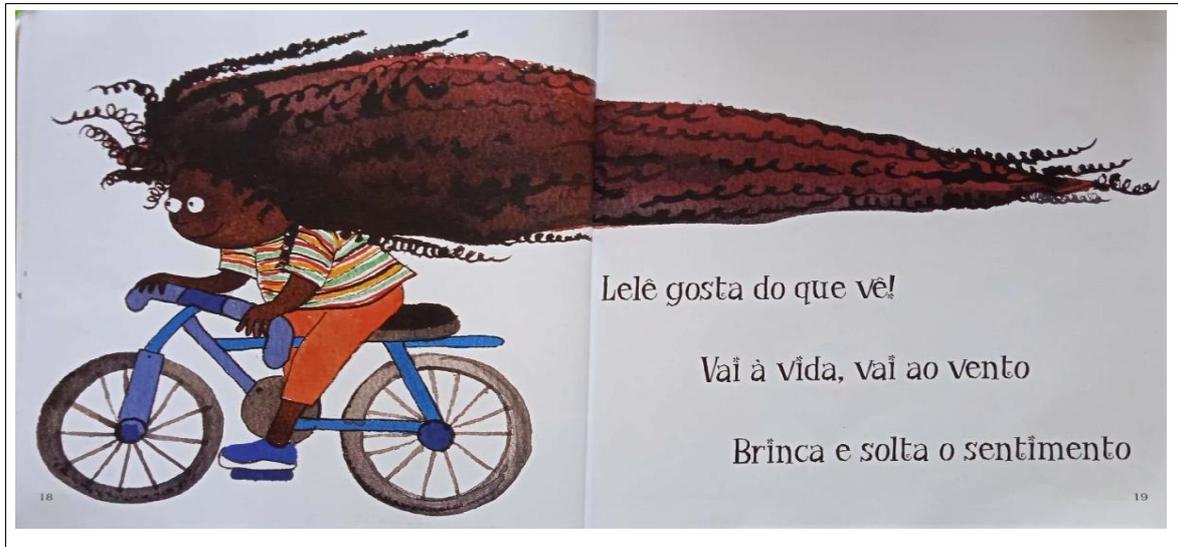


Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê* São Paulo: IBEP, 2007, p.14-15

Na imagem acima, a ilustradora Adriana Mendonça (2007), coloca novamente Lelê sentada com pernas cruzadas e com o livro nas mãos no qual enfatiza sobre “*Países Africanos*”, a mesma expressa curiosidade e encantamento com o que está lendo, ela descobre vários tipos de cabelos e fica animada em saber que não é única e que existe outras crianças com os mesmos traços físicos igual a ela. Então, é importante dizer que a ilustradora enaltece a personagem Lelê na página do livro pois o cabelo dela ultrapassa para outra página e o texto colocado em fonte amarela para que o leitor possa ser chamado atenção para saber o que a menina está se tratando ao ler o livro.

É possível observarmos que as cores têm um chamariz muito relevante, e o preto dos cabelos da menina sempre é o que chama mais atenção, principalmente na cor vermelha que autora faz essa combinação, por isso, sempre têm esses recortes das cores de acordo com o universo das crianças. Na visão de Silva (2020, p. 69), “a grande maioria dos livros infantis são coloridos. A cor é um atrativo muito grande para as crianças, sendo o elemento que mais se destaca na ilustração”. Então, quando a criança tem contato com livro infantil de imediato seus olhos são cativados pelas cores da imagem e só depois irão para o texto verbal. A todo momento através da imagem a ilustradora Adriana Mendonça (2007), expõe os cabelos de Lelê colocando para tomar conta de uma toda página ou até mesmo de duas páginas do livro e o vermelho faz com que o leitor seja fisgado mais rápido, ou seja a imagem tem o poder de chamar atenção da criança de imediato.

Figura 8- Lelê andando de bicicleta com seus cabelos soltos ao vento



Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. São Paulo: IBEP, 2007, p.18-19.

Na página 18-19, temos novamente a personagem Lelê andando de bicicleta com seu cabelo todo solto ao vento, ela mostra em seu rosto expressão de felicidade com o que descobriu no livro, pois a menina já não tem dúvidas em relação a sua cultura a qual pertence. É possível notar que seu cabelo toma conta das duas páginas, destacando-se na cor branca, e o texto verbal é colocado com frases curtas, pois as crianças gostam de lerem textos curtos para assim entenderem de forma mais rápida e acompanhar com a leitura das imagens.

Portanto, a todo momento a ilustradora se utiliza jogo de cores variáveis para então, deixar a obra carregada de significados e desenvolver imaginação, linguagem, leitura, e o universo de interpretação das crianças, e especialmente das negras mostrando de forma clara os traços físicos de Lelê. Conforme os estudos de Camelo (2015, p.102), “as ilustrações são componentes fundamentais de um livro infantil. Durante muito tempo foi considerada um auxiliar visual didático, uma espécie de bengala para o texto verbal”. Sendo assim, a imagem da criança negra passou a fazer parte dos enredos a partir do momento em que era essencial haver mais de uma linguagem dentro dos textos literários que pudessem contribuir não apenas para o aprendizado das crianças, mas, para sua própria personalidade leitora e cultural, pois não só o texto é eficaz para as crianças compreenderem sobre tal história, elas querem ver as imagens e analisar cada detalhe ao longo da leitura do texto.

Figura 9- Lelê com penteados diferentes

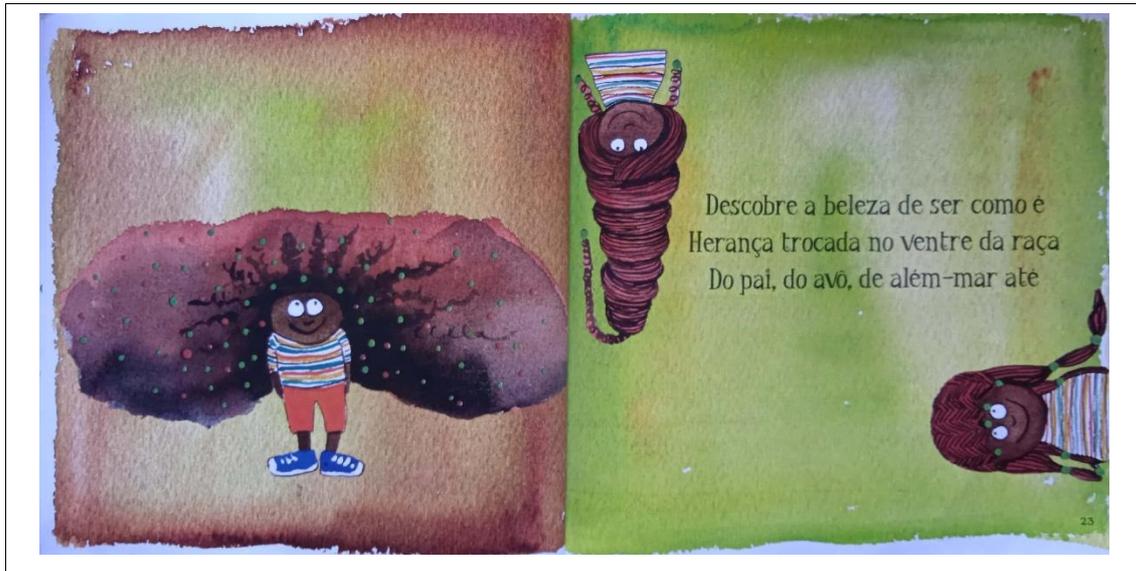


Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelé*. São Paulo:IBEP,2007,p.21

Na página 21, diferentemente da página anterior é possível notarmos o contraste lúdico e didático das cores que chamam atenção das crianças para sua visualização, pois o colorido da imagem destaca todos os elementos que nela se apresenta. Nesse mesmo contexto, é interessante a forma de como a ilustradora coloca os personagens, pois em cada personagem posta na página a um penteado de cabelo de diferente realçando as características da menina negra, especificadamente, a autora engrandece a imagem da criança negra mostrando que o cabelo cacheado e pode ser ousado de variáveis formas, seja preso, entrançado, solto, entre outros penteados e a mesma não utilizou-se o texto verbal possibilitando que a criança ao visualizar a imagem façam um pequeno esforço em olhar todos os pontos da imagem e podendo interpretar de outros modos dando sentido a imagem de acordo com sua realidade em que vive, pois para a ilustradora, através da imagem é possível decifrar todos os símbolos mesmo sem cooperar com o texto verbal.

É possível notar expressões de alegria em cada personagem, como se estivesse se redescobrimo com cada penteado. É importante dizer que “todos os espaços em que as crianças convivem, além de objetos, aos quais ela tem acesso, transformam-se em referenciais que interferem na construção de valores e atitudes” (SILVA *et al*, 2020, p. 182). Em vista disso, os personagens infantis negros presentes nas narrativas infantis fazem com que as outras crianças negras tenham referências para assim se redescobrirem. Quando a criança não tem esses ensinamentos em relação a sua cultura a mesma se sente desigual na sociedade em que vive.

Figura 10 - Lelê se aceita como realmente é.



Fonte BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. São Paulo: IBEP, 2007, p.23.

Na página 23, a ilustradora coloca Lelê de várias formas, cabelo solto, preso e feito coques, outro ponto importante é que ela sempre coloca cores fortes para a beleza de Lelê ficar ainda mais em destaque, é notório que na primeira página a menina negra é colocada com seu cabelo solto bem crespos sem formatos de cachos tomando conta de quase toda página e a mesma mostra aceitação de sua personalidade. Já na outra página, a autora coloca Lelê de duas formas uma de cabeça para baixo e outra de lado, a qual deixa a página mais interessante e embelezada para que a criança possa sentir curiosidade em virar vertical e horizontal para averiguar todos os ângulos da imagem, além de deixá-la mais dinâmica.

A todo momento a personagem Lelê está sendo colocada de forma positiva mostrando suas raízes, e o texto verbal é colocado no meio das duas imagens das personagens, ou seja, a autora se atenta a todos os pontos que deixam a leitura mais enriquecedora de aprendizado para que as crianças possam refletir sobre seu crescimento e transformação de seu mundo. Conforme Ramos (2020, p.26), “o fundamental é que a ilustração cause deslocamento, provoque no leitor emoção e o faça imaginar e refletir a partir do que está narrado pelo ilustrador”. Desse modo, o texto imagético faz com que as crianças tenham essa referência de padrão de representatividade, a criança não se atrairá só pelo lúdico das cores, mas pelos papéis que os personagens compõem no enredo. Quando a criança pega o livro para ler, logo ela se atentará pelo o que o texto imagético acrescenta em sua particularidade, se tem algo que pareça com o que está vivenciando, então o que atrai é o que representa para elas.

Figura 11- Lelê descobre que seus cabelos são herança de seus ancestrais.



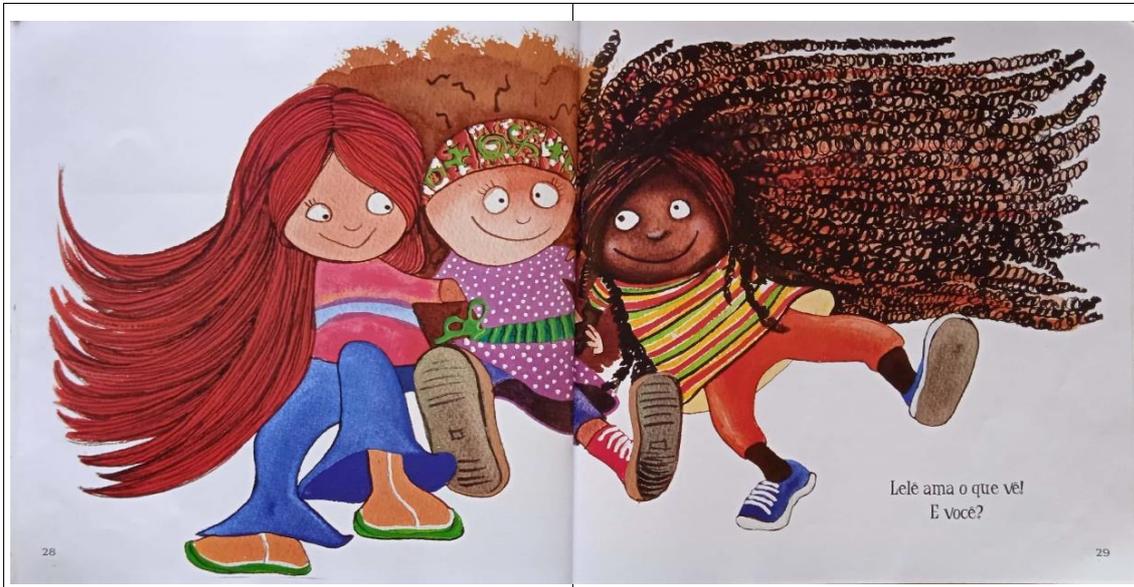
Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. São Paulo: IBEP, 2007, p.27.

Aqui nessa outra página 27, Lelê já não tem dúvidas em relação ao seu padrão de beleza, através do livro “*Paises africanos*” foi possível compreender que em cada traço existe um pouco de sua história. Caminhando com seus cabelos soltos Lelê mostra que está contente por saber de onde vem tantos cachinhos. É interessante observar como o cabelo de Lelê toma conta da página inteira e ultrapassa para outra girando para a mesma página novamente, a menina começa a conquistar uma autonomia, ela cresce dentro da narrativa, ou seja, os textos imagéticos dominam quase todas as páginas sobrando apenas espaços pequenos para o texto verbal. A personagem Lelê passa por uma reviravolta de opinião e através do livro muda de pensamento e se aceita com seus traços de negritude.

É interessante a associação do texto imagético e texto verbal na obra, pois faz com que gera um certo caráter estético constituinte de significados e redescobertas para as crianças negras. As imagens são ferramentas que dão todo o sentido e complemento ao texto verbal. Segundo Ramos (2020, p.23) “histórias narradas apenas com as palavras tendem a cansá-las, porque necessitam fazer esforço extra, que é o tentar visualizar todas as situações”. Assim sendo, texto imagético se faz dona da palavra, quando colocamos nosso olhar para um livro com texto imagético, em primeira mão nosso olhar irá ser direcionado texto imagético e por seguinte ao texto verbal, então o texto imagético tem esse poder de cativar o leitor para adentrar na narrativa. O texto imagético chama a criança a ficar atenta a todos os componentes que a estão expostos na narrativa. Por isso, já não se sentem motivados pegar

livros sem figuras, pois geralmente livros só com textos verbais são mais longos, complexo e cansativos.

Figura 12- Lelê aparece com outras meninas de outras culturas de pele diferente da sua.



Fonte: BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*. - São Paulo: IBEP, 2007, p.28-29.

Nas páginas 28 e 29, a ilustradora Adriana Mendonça, depois de fazer vários recortes de variáveis tipos de cabelo, coloca três personagens de diferentes culturas, abraçadas mostram em suas faces o quanto estão felizes e devem se aceitarem como realmente são. A autora coloca uma personagem ruiva de cabelo liso e de pele branca vestida com outros tipos de roupas, e outra mulata de cabelos bem crespos com tiara, prendedor e vestida de vestido de bolinha, e por último coloca Lelê de pele negra, cabelos pretos, crespos e volumosos e vestida conforme sua origem africana, a personagem Lelê aprende a conviver com outras crianças de culturas diferentes, ela demonstra convivência harmônica entre diversidades de etnias diferentes, sem preconceitos e livres. Em vista disso, a autora quebra o preconceito trazendo referências não só para as crianças negras, mas para outras crianças que possuem outros traços de beleza, que sofrem por falta de representatividade nos enredos literários, pois a obra deixa bem claro que todos somos iguais e temos os mesmos direitos socialmente. Sobretudo, as crianças negras estão ganhando protagonismo diferentemente dos tempos passados em que “[...] o negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte de cena doméstica. Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial” (GOUVÊA, 2005, p.8). Desse modo, com o passar dos tempos o texto imagético foi rompendo com esse preconceito, pois antigamente não era possível

perceber essa representatividade especialmente das crianças negras sendo colocada de forma positiva e mostrando suas raízes. Sendo assim, a literatura infantil cada vez mais está dando voz às crianças negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho constatou que a literatura infantil desempenha um papel de suma importância na formação de cada indivíduo. Ela tem como objetivo despertar o imaginário e, ao mesmo tempo, enriquecer a visão de mundo do leitor, desenvolvendo um senso crítico e criativo. Além disso, ela proporciona no pequeno leitor diversas descobertas como o prazer e emoções, visto que é o ponto de partida para aquisição de saberes da criança.

Vale ressaltar que foi através da literatura infantil que os textos imagéticos começaram a se fazer presente ao texto verbal, trazendo representatividade com significados para a vida dos leitores. Nesse sentido, por muito tempo o negro não tinha possibilidades de expor suas características de forma positiva, e hoje através do texto imagético é possível termos outra visão em relação aos personagens que as narrativas literárias trazem. Sendo assim, o texto imagético é um elemento indispensável para a leitura das crianças, pois faz com que elas encontrem respostas para sua cultura a qual está inserido.

Portanto, o livro *O Cabelo de Lelê* mostra a importância da representatividade das crianças negras, visto que a personagem Lelê a partir do momento em que passa a procurar respostas nos livros em relação aos seus traços físicos, ela muda de imediato sua maneira de se enxergar, e se aceitar como realmente é. Esse livro mostra a realidade de muitas crianças na qual não aceitam suas características, justamente por não terem tantas referências parecidas com elas, e por existir essa lacuna, muitas vezes desperta o desejo de querer mudar seu perfil, como alisar seu cabelo, e isso acaba fugindo de sua própria cultura a qual faz parte, tudo isso para serem aceitos e visto de forma positiva pela sociedade.

As crianças negras ao se depararem com obras que retratam sobre sua fisionomia irão se identificar com personagens. Assim, é necessário que as crianças negras tenham esse contato com livros que retratem sobre sua personalidade, pois está explícito que é de suma importância livros que contribui não só para leitura, mas que possa haver representação de identidade.

Personagens de crianças negras nos textos literários tem a finalidade de contribuir para a vida de outras criança, não só de crianças brancas de cabelos lisos, loiras, deixando de

lado as crianças negras sem respostas. Nesse sentido, os livros infantis que trazem os personagens negros influenciam mutuamente na vida das crianças. Por isso é importante que os livros tragam mais personagens negros infantis, pois muitas crianças negras precisam se reconhecer e se identificar nas páginas dos livros infantis.

As escolas como mediadoras pedagógicas devem aderir em sala de aula esses ensinamentos em relação diversas raças e culturas, seja através de discussões, palestras entre outros meios que existem. Sendo assim, discussões educativas e humanizadoras que permitem resdescobrimto e aceitação para as crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: Gostosura e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

ARENA, Dagoberto Buim; LOPES, Naiane Rufino. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.38, n.4 p.1147-1173, out/dez. 2013. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S217562362013000400008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 10.05.2022.

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**/ Ilustrações de Adriana Mendonça. – São Paulo: IBEP, 2012.

CADERMATORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. Ed.- São Paulo: Brasiliense, 2010. – (Coleção Primeiros; 163).

CAMELO, Marco Antônio da Costa. **A ilustração no texto Literário InfantoJuvenil**/ Revista Sentidos da Cultura. Belém-PA, Ano 2, N.2 Jan-Jun, 2015.

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 7, n.1. p. 103-113, 2004.<<https://www.redalyc.org/pdf/684/68470108.pdf>> Acesso em 10.05.2022.

CHICOSKI, Regina. **Literatura infantil**. Guararapuava: Unicentro, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análises: das origens ao Brasil de hoje**. São Paulo: Brasilia : INL, 1981.

DIAS, Evelyn, Siqueira Malafaia. **A importância da representatividade negra na construção de identidade em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra/ (RE) Existencial Intelectual Negra e Ancestral**. Uberlândia- MG. outubro 2018. Disponível em: <1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf (dype.com.br)> Acesso em 10.05.2022.

FERREIRA, Sandra de Oliveira. **A imagem da criança negra na literatura infantil: estudo comparado de narrativas latinoamericanas- voz do Iguazu-PR, 2018**. Disponível em: <[A imagem da Criança Negra na Literatura Infantil.pdf](#) (unila.edu.br)> Acesso em 24.09. 2021.

FIGUEIREDO, Luciana Araújo. **A criança negra na literatura brasileira: uma leitura educativa**, Dourados, MS: UFGD, 2010. 130f

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Viera da; CALDIN, Clarice Fortkamp. **Livro ilustrado: texto, imagem e mediação**. Perspect. ciênc.inf. Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 194-206, mar. 2016.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil Brasileira: análise historiográfica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n.1, p. 77-89, jan./abr.2005.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MORAIS, Marta da Costa, **Literatura, leitura e aprendizagem**. 2ª edição. Curitiba, PR: IESDE Brasil S.A., 2009.

POZZOBON, Ms. Maria Laura, Spengler. **Livro de imagem: Quando a ilustração se faz dona da palavra**. 32º congresso Internacional de IBBY. Santiago de Compostela- 8-12, Set/Sep. 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do acadêmico**- 2. Ed.- Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: Caminho para ler o texto visual/ 1 ed.; 2. reimp** - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RHODES, Mislene A.S. et al. **A representação do negro na literatura infantil**. III Seminário Científico da FACIG-09 e 10 de Novembro de 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. Editora Melhoramento: São Paulo, 2012.

SILVA, Erica Basto da; SILVA, Lúcia Novaes Borges da; SILVA, Patrícia de Jesus. **Protagonista negros na literatura infantil brasileira: breve histórico e perspectivas contemporâneos**. Revista humanidade e inovação v.7, n.22- 2020.

SILVA, Felipe Pereira da. **Representação do negro na literatura infantojuvenil de Ana Maria machado**[manuscrito]. 2016. 130 p.: color

SILVA, Vera Maria Tielzzaman, **Ler imagens, um aprendizado ilustração de livros infantis**. – Goiânia: Cãnone Editora, 2020.

SOUSA, Forentina, LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira/organização**. Salvador: Centro de Estudo Afro- Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: objetiva, 2005.